

O alojamento urgente e temporário: Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso

(Versão final após defesa)

Catarina Maria Rodrigues Coimbra do Gago

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientadora: Professora Doutora Maria Neto

Julho de 2024

Folha em branco

Declaração de Integridade

Eu, Catarina Maria Rodrigues Coimbra do Gago, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 42465 do Mestrado Integrado de Arquitetura da Faculdade Engenharias, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 29/07/24



(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Folha em branco

Dedicatória

A todos aqueles que me acompanharam e me deram
forças para realizar esta jornada.

"Trabalhe enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto
eles descansam, e então, viva o que eles sonham."

Provérbio japonês, tradução livre

Folha em branco

Agradecimentos

Em primeiro lugar, aos meus pais e ao meu irmão, que desde sempre me apoiaram em todas as minhas decisões, obrigada por todo o vosso esforço e pelo vosso amor incondicional.

À minha avó Lurdes, por me acompanhar desde bebé e estar sempre a dizer 'quando acabas isso?'

Ao meu avô Nelinho, por ser um apoio sempre que preciso, principalmente quando foi para escolher o meu percurso académico.

À minha avó Micas, que nunca quis que me faltasse nada.

Aos meus padrinhos, por me ouvirem e reconfortarem nos momentos mais difíceis.

Ao meu namorado, por ser sempre o meu braço direito em todas as circunstâncias.

Aos meus amigos, seja os que estiveram comigo desde a infância, os que se cruzaram no meu secundário, aos que me aturaram durante os verões, ou os que viveram os momentos académicos comigo, sem vocês isto não era possível.

À minha orientadora, professora Maria Neto, cuja orientação sábia foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada por todos as partilhas, é sem dúvida uma referência para mim.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Este trabalho é o resultado de um esforço coletivo, cada um de vocês deixou uma marca na minha jornada.

A todos vocês, o meu muito OBRIGADA!

Folha em branco

Resumo

O tema do alojamento urgente e temporário é explorado nesta dissertação numa tentativa de enquadrar o problema complexo e multifacetado que o abrigo temporário de milhares de pessoas origina, seja por catástrofes naturais - sismos, tempestades, tsunamis, entre outros -, crises humanitárias ou conflitos armados, que necessariamente força milhares de pessoas a sair do seu país e a cruzar fronteira(s). Quando estas pessoas deslocadas cruzam fronteiras, em grandes fluxos, e são acolhidos por países que não têm nem estrutura nem recursos necessários para dar uma resposta imediata, surge a arquitetura de emergência (ou o abrigo de emergência), como fundamental para garantir o alojamento e a resposta às necessidades básicas, na sua maioria vinculadas à ação de organizações humanitárias. Por sua vez estas estruturas de acolhimentos temporários surgem com o intuito de serem facilmente construídos, de rápida execução e baixo custo, o que muitas vezes compromete a privacidade e a dignidade, mas também a sua sustentabilidade. O Arquiteto Shigeru Ban surge neste contexto, como uma referência no que toca à arquitetura humanitária, por projetar o objeto para ser montado e desmontado em qualquer território, e depois, quando desmontado, para além de serem reutilizados, o território fica intacto. Verificamos que o acolhimento difere em função do contexto, dependendo do país de acolhimento, assim como as estratégias de integração. É factual que o fluxo de migração tem estado a sofrer um crescente e significativo aumento à escala global, chegando a atingir no ano de 2022, 108.4 milhões de deslocados forçados em todo o mundo (ACNUR, 2023), crescimento que se verificou também no espaço europeu afetando o processo de solicitação de asilo e, conseqüentemente, as estratégias de acolhimento.

Em Portugal, foi criado um programa de apoio de soluções de alojamento de urgente e temporário BNAUT (Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário) financiado por fundos do PRR (Programa de Recuperação e Resiliência) via Habitação, na tentativa de oferecer soluções temporárias, de emergência ou de transição às camadas mais vulneráveis, que no caso do Fundão, é especificamente direcionada para requerentes de asilo, refugiados e migrantes. A investigação tem, por isso, como estudo de caso a cidade do Fundão para a qual explora um estudo prévio para 16 fogos, examinando as abordagens e os desfechos desta iniciativa e posicionando-a no contexto global como uma contribuição inovadora e exemplar para o problema em questão.

Palavras-chave

Arquitetura de Emergência; Catástrofes; Refugiados; BNAUT; Fundação.

Folha em branco

Abstract

The theme of urgent and temporary housing is explored in this dissertation in an attempt to frame the complex and multifaceted problem that temporary shelter for thousands of people entails, whether due to natural disasters - earthquakes, storms, tsunamis, among others - humanitarian crises, or armed conflicts, which necessarily force thousands of people to leave their country and cross borders. When these displaced people cross borders in large flows and are received by countries that lack the necessary structure and resources to provide an immediate response, emergency architecture (or emergency shelter) becomes fundamental to ensure accommodation and meet basic needs, mostly provided by humanitarian organizations. These temporary shelters are intended to be easily constructed, quickly executed, and low-cost, which often compromises privacy and dignity, as well as their sustainability. Architect Shigeru Ban emerges in this context as a reference in humanitarian architecture, for designing structures to be assembled and disassembled in any territory, and afterwards, when dismantled, not only can they be reused, but the territory remains intact. We find that the reception differs depending on the context, the host country, and the integration strategies. It is factual that migration flows have been experiencing a significant and increasing rise on a global scale, reaching 108.4 million forcibly displaced people worldwide in 2022 (UNHCR, 2023), a growth also seen in the European space affecting the asylum application process and, consequently, reception strategies.

In Portugal, a support program for urgent and temporary housing solutions called BNAUT (National Urgent and Temporary Housing Pool) was created, funded by PRR (Recovery and Resilience Plan) through Housing, in an attempt to offer temporary, emergency, or transitional solutions to the most vulnerable groups, which in the case of Fundão, is specifically directed at asylum seekers, refugees, and migrants. Therefore, the research has as its case study the city of Fundão, for which it explores a preliminary study for 16 housing units, examining the approaches and outcomes of this initiative and positioning it in the global context as an innovative and exemplary contribution to the issue at hand.

Keywords

Emergency Architecture; Disasters; Refugees; BNAUT; Fundão.

Folha em branco

Índice

1. Introdução	1
1.1 Justificação e Pertinência do Tema	2
1.2 Objetivos	3
1.3 Metodologia.....	4
1.4 Estrutura.....	5
2. A Origem da Fuga.....	8
2.1 Desastres Naturais.....	10
2.2 Conflitos Armados.....	14
3. Mas o que é de facto um refugiado?	22
4. O Acolhimento	27
4.1 Países em Desenvolvimento.....	30
A prática de Shigeru Ban	32
4.2 Países Desenvolvidos.....	46
Europa_ Desafios e Perspetivas.....	46
5. Um olhar sobre o contexto português.....	52
5.1 Antes de 29 de Outubro de 2023	56
5.2 Plano de Recuperação e Resiliência	58
6. Estudo de caso: Fundão, cidade de Acolhimento.....	60
6.1 Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário	64
6.2 A Casa (Popular) do Fundão	66
6.3 Estudo Prévio para a Reabilitação de 16 fogos no âmbito da BNAUT	70
6.3.1 Memória Descritiva	71
6.3.2 Levantamento Espacial.....	74
6.3.3 Levantamento Fotográfico	76
6.3.4 Levantamento Geométrico.....	82
6.3.5 Vermelhos e Amarelos.....	86

6.3.6 Proposta Final.....	90
7. Considerações Finais	96
Bibliografia Teórica	98
Bibliografia de Figuras	103

Folha em branco

Lista de Figuras

Figura 1 - Pintura de John Clements Wickham (1798-1864) (Arborfield, n.d.)-----	7
Figura 2 - Perigos e vulnerabilidades - imagem reescrita pela autora do livro Shelter After Disaster (Ian Davis, 1978, p. 3)-----	9
Figura 4 - O Golpe de Vento - Pintura de Jean-François Millet (1814-1875, France) (Millet, n.d.) -----	11
Figura 3 - Pintura realizada em 1850 que representa o terramoto de Lisboa (Leiria, 2022) -----	12
Figura 5 - Pós-terramoto de 1906 (Zeren, 2023) -----	13
Figura 6 - A denúncia da Guerra - 1942 - Obra de Lasar Segall (Musa, 1983)-----	15
Figura 7 - Soldados norte-americanos carregam o corpo do sargento Larry Rougl - Afeganistão em outubro de 2007 - Fotografia de Lynsey Addario (Semanal, 2019) -----	16
Figura 8 - Fotografia de Lynsey Addario – O sofrimento das mulheres do Sudão - Ayak, uma refugiada sul-sudanesa em Uganda, simboliza essa dor como uma vítima da violação, uma arma cruel na guerra. (Semanal, 2019) -----	17
Figura 9 - Campos de refugiados em Bangladesh (UNHCR, 2023a)-----	18
Figura 10 - Dados de pessoas deslocadas guerra na Ucrânia (ACNUR, 2023a) -----	19
Figura 11 - Áreas afetadas na faixa de Gaza até 31 de Outubro de 2023 (Camila, 2023) -----	20
Figura 12 - Número de pessoas deslocadas (ACNUR, 2023d)-----	21
Figura 13 - Os refugiados - (ACNUR, 1997, p. 2) -----	22
Figura 14 - Aumento do número de pessoas deslocadas por ano - Imagem retirada da aplicação Refugee Data -----	25
Figura 15 - Abrigo - (ACNUR, 1997, p. 201)-----	27
Figura 16 - Shigeru Ban ('Shigeru Ban Asia Society', n.d.)-----	33
Figura 17 - Paper Tube Structure 01 (Shigeru Ban, 2009)-----	40
Figura 18 - Paper Tube Structure 02 e Paper Tube Structure 02 - (Repositório (Luna, n.d.) -----	41
Figura 19 - Paper Partition System 1 - Imagens retiradas do livro Voluntary Architects'Network pág. 68 e 70-----	42
Figura 20 - Paper Partition System 2 – Imagens retiradas do livro Voluntary Architects'Network pág. 73 -----	43
Figura 21 - Paper Partition System 3 – Imagens retiradas do livro Voluntary Architects'Network pág. 74 e 77-----	43

Figura 22 - Montagem dos abrigos – Imagens retiradas do livro Voluntary Architects´Network pág. 125-----	44
Figura 23 - Paper Log House – Imagens retiradas do livro Voluntary Architects´Network pág. 125 e 126 -----	44
Figura 24 - Imagem reescrita pela autora tendo como referência a imagem da dissertação de Alexandra Rodrigues (Rodrigues, 2017, p. 21)-----	55
Figura 25 - Esquema explicativo dos tipos de Pedidos de Acolhimento (feito pela autora) -----	57
Figura 26 - Casa com varanda corrida no último piso, Silvares, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND25-002.(Ordem dos Arquitectos, 1955b)-----	67
Figura 27 - Varanda coberta sobre corpo saliente, Barroca do Zêzere, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND08-002.(Ordem dos Arquitectos, 1955d)-----	67
Figura 28 – Casa, Pero Viseu, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND22-008 (Ordem dos Arquitectos, 1955a)-----	68
Figura 29 – Casa com varanda de canto, Barroca do Zêzere, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND08-004 (Ordem dos Arquitectos, 1955c) -----	68
Figura 30 – Varanda e escadas, Alpedrinha, Fundão, 1956. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND06-009 (Ordem dos Arquitectos, 1956)-----	68
Figura 31 - Estudo de caso (Autor: Jorge Marum, 2023) -----	70
Figura 32 – Quadro informativo (feito pela autora)-----	72
Figura 33 e Figura 34 - Alçado Principal -----	77
Figura 35 , Figura 36 e Figura 37- Alçado Tardoz-----	77
Figura 38, Figura 39 e Figura 40 – Interior Edifício A-----	78
Figura 41 e Figura 42 – Interior Edifício B-----	78
Figura 43, Figura 44, Figura 45, Figura 46 e Figura 47 – Interior Edifício C-----	79
Figura 48, Figura 49, Figura 50, Figura 51 e Figura 52 – Interior Edifício D-----	80

Folha em branco

Lista de Acrónimos

BNAUT	Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário
PRR	Programa de Recuperação e Resiliência
ONU	Organização das Nações Unidas
RRD	Redução do Risco de Desastre
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
USAID	United States Agency for International Development
EUA	Estados Unidos da América
GOB	Governo de Bangladesh
VAN	Voluntary Architects' Network
OIM	Organização Internacional para as Migrações
UE	União Europeia
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
MAI	Ministério da Administração Interna
ACM	Alto Comissariado para as Migrações
PAR	Plataforma de Apoio aos Refugiados
IPAV	Instituto Padre António Vieira
CPR	Conselho português para os Refugiados
AIMA	Agência para a Integração, Migrações e Asilo
PSP	Polícia de Segurança Pública
GNR	Guarda Nacional Republicana
PJ	Polícia Judiciária
IHRU	Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

Folha em branco

Introdução

Esta dissertação aborda o desafio crítico da emergência pós-catástrofe ou pós-conflito com uma abordagem bifásica. Inicialmente, dedicamo-nos a uma exploração conceptual abrangente do problema do deslocamento ou fuga como consequência de catástrofes sejam elas naturais ou provocadas pelo homem, para vincular os abrigos temporários, como resposta incontornável no acolhimento de milhares de pessoas deslocados. A arquitetura de emergência emerge como uma solução fundamental nesses cenários, impulsionada principalmente pelas ações de organizações humanitárias responsáveis pela criação de espaços de acolhimento provisórios (Maria Neto & Jorge Canastra Marum, 2022). Estas estruturas são projetadas para serem de baixo custo, de rápida implementação e fácil construção, ainda que, por vezes nem sempre garantam aspetos como a privacidade, dignidade e sustentabilidade. A contribuição de Shigeru Ban à arquitetura de emergência também designada de arquitetura humanitária, é entendida neste contexto como exemplar, propondo construções que podem ser montadas e desmontadas em qualquer território sem deixar marcas duradouras, ou seja, de natureza reversível.

O contraste entre países em desenvolvimento e países desenvolvidos é notável. Veja-se o caso europeu, onde os protocolos de acolhimento variam e alinham-se com as políticas de integração específicas de cada Estado, apesar de todos se basearem na mesma Convenção, a Convenção de Genebra de 1951, associada ao estatuto do refugiado (M. Neto, Neto, & Prado, 2022). Com o deslocamento forçado a superar os 100 milhões no final de 2022, (ACNUR, 2023d) percebemos exatamente como é que essas idiosincrasias influenciam o processo de asilo e por consequência as estruturas de acolhimento.

É desta forma que, na segunda parte do estudo, focaremos especificamente em Portugal, onde foi implementado o programa BNAUT (Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário) financiado por fundos do PRR (Programa de Recuperação e Resiliência) via Habitação. Este programa visa oferecer soluções de alojamento urgente e temporário a populações vulneráveis. A análise aprofundará no caso concreto da cidade do Fundão, que faz parte deste programa, propondo um estudo prévio para 16 fogos, explorando as metodologias e resultados desta iniciativa e situando-a no panorama internacional, como contributo inovador e exemplar para o problema em estudo.

1.1 Justificação e Pertinência do Tema

Esta investigação apresenta-se como relevante pela atualidade do tema e pela pertinência do seu estudo por disciplinas fora das ciências sociais. Neste momento a Europa enfrenta sérios desafios humanitários que, segundo os dados divulgados pelo ACNUR, fez mais de 100 milhões de pessoas deslocadas no final de 2022. (ACNUR, 2023d) É dentro deste contexto que contribuir para a análise e revisão do abrigo de emergência e por consequência, das condições de vida de milhares de deslocados internos e refugiados no mundo inteiro, revela-se urgente.

Sabemos que a arquitetura de emergência é ainda um tema que precisa de ser amplamente explorado e discutido, pelo que através desta investigação propõem-se elaborar, de modo a contribuir para um debate alargado sobre os benefícios e constrangimentos da utilização de soluções universais para problemas locais e apontar caminhos para possíveis alternativas e/ou boas práticas.

Esta dissertação tem como estudo de caso a cidade do Fundão, contribuindo não apenas para mapear práticas inovadoras em desenvolvimento por este município, mas também para o posicionamento de Portugal como um exemplo, até ao momento, no desenvolvimento de soluções eficazes ao problema do acolhimento e integração.

1.2 Objetivos

Esta dissertação tem como objetivo principal abordar o desafio crítico da emergência pós-catástrofe ou pós-conflito, com foco na arquitetura de emergência como resposta humanitária. Os objetivos específicos são delineados em duas fases distintas. A primeira é uma análise conceptual e contextual onde é realizada uma investigação do fenómeno do deslocamento e da fuga como consequências de catástrofes naturais ou provocadas pelo homem. Ainda nesta fase, a investigação concentrou-se num estudo abrangente sobre o acolhimento realizado nos países desenvolvidos e em desenvolvimento e focou-se na obra de cariz humanitário do referente Shigeru Ban, como estas se englobam em contextos pós-catástrofe, o seu processo, e ligando-se sempre à ideia de temporalidade e estrutura ligeira – tectónica – do objeto que é a base da construção do arquiteto.

A segunda fase centrou-se num estudo de caso prático no Fundão. O objetivo desta fase foi analisar o programa BNAUT, financiado pelo PRR via Habitação em Portugal, investigar as metodologias e resultados específicos deste programa, especialmente no contexto de territórios de baixa densidade e propor um estudo prévio para 16 fogos no centro histórico desta cidade. Situa-se ainda o caso prático no panorama internacional, destacando ser uma solução eficaz para o problema em estudo.

Para além disso, o objetivo desta investigação é contribuir para um debate alargado sobre os benefícios e constrangimentos da arquitetura de emergência, oferecer perspetivas sobre a aplicação de soluções universais para problemas locais, bem como identificar alternativas e boas práticas, e proporcionar conhecimentos valiosos para melhorar as condições de vida das populações deslocadas, através de soluções arquitetónicas sustentáveis e inovadoras.

1.3 Metodologia

A presente dissertação tem uma estrutura tripartida – Análise panorâmica do problema em estudo, o estudo da obra do autor referência Shigeru Ban e o estudo de caso em contexto português. Primeiramente foi realizado “um trabalho panorâmico” (Eco, 2007, p. 41) sobre catástrofes naturais, conflitos armados, deslocamento populacional, definição de refugiado, políticas de acolhimento em países desenvolvidos e em desenvolvimento, para contextualizar a arquitetura de emergência.

Seguidamente foram identificadas e analisadas as estratégias generalizadas de acolhimentos, realizadas tanto de países desenvolvidos como em desenvolvimento, para compreender as diferentes abordagens e desafios enfrentados na criação de soluções arquitetónicas para populações deslocadas. Aqui, realizou-se um estudo sobre a obra de Shigeru Ban em contexto humanitário e as suas aplicações nos locais de catástrofes, para perceber de que forma se compreende como uma referência de boas-práticas.

Segue-se o estudo de caso, em território europeu, mais especificamente o Fundão, justificando o porquê da sua escolha e de que forma este estudo de caso informa boas-práticas de acolhimento. Neste contexto são realizados levantamentos fotográficos, geométricos e espaciais para compreender o local e identificar as necessidades específicas, em termos de alojamento temporário para populações vulneráveis. Com base nos dados coletados e na análise realizada, foi desenvolvida uma proposta de 16 fogos para integrar populações deslocadas em edifícios previamente sinalizados pelo município, no âmbito da Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporária (BNAUT), financiada por fundos PRR. Este estudo de caso, articula-se ainda com um protocolo interinstitucional elaborado entre o Município do Fundão, a Universidade da Beira Interior e a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 2023.

1.4 Estrutura

A seguinte dissertação está estruturada em 6 capítulos com o intuito de realizar uma análise abrangente e aprofundada, desde a origem da fuga até à implementação de soluções arquitetónicas em contextos específicos, como o caso do Fundão, em Portugal. Cada capítulo contribui para uma análise ampla e detalhada do tema arquitetura de emergência e do acolhimento de populações deslocadas.

No capítulo 1, temos a secção introdutória, onde se contextualizou o tema da dissertação e delineou-se quais os principais objetivos e abordagens adotadas neste estudo. Foi explorada a importância da arquitetura de emergência como resposta a catástrofes naturais e conflitos armados, os desafios do acolhimento em países desenvolvidos e em desenvolvimento, e introduzimos o programa BNAUT implementado no Fundão, como um estudo de caso.

No capítulo 2, investigou-se a origem da fuga que decorre devido a catástrofes naturais e conflitos armados. Aqui foram estudados uma série de exemplos para compreender as diferentes dinâmicas por trás do deslocamento populacional. Em seguida, o capítulo 3, concentra-se na definição e no entendimento do termo refugiado, destacando as nuances legais e sociais associadas à condição de refugiado em contextos diversos.

O capítulo 4, fixou-se em compreender as diferentes políticas e práticas do acolhimento de populações deslocadas, tanto em países em desenvolvimento, quanto em países desenvolvidos. Uma análise comparativa é realizada, com foco nas abordagens adotadas na Europa para contextualizar o estudo de caso. No capítulo 5, damos destaque às abordagens utilizadas em Portugal na receção de refugiados, explorando especificamente o PRR e BNAUT.

Por último, detalhou-se o Fundão como “Cidade de acolhimento”, onde a proposta prática se insere nas candidaturas realizadas pelo Município, sinalizando os edifícios a intervir. Desta forma contextualizou-se a habitação popular na década de 50 e 60 daquela região para apoiar a intervenção em contexto de ARU. De seguida descrevemos os levantamentos fotográficos, geométricos e espaciais realizados, para finalizar com a proposta de um estudo prévio desenvolvido para a Bolsa de Alojamento Urgente e Temporária direcionada para refugiados, requerentes de asilo e migrantes no Fundão.

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**



Figura 1 - Pintura de John Clements Wickham (1798-1864) (Arborfield, n.d.)

“(...) Mutual assistance was everywhere rendered, and theft was almost unknown. The higher classes immediately set people to work to build straw - covered huts, and temporary houses of boards, living meanwhile in the open air under trees. Those who soonest obtained or contrived shelter collected all about them whom they could assist and in a few days had a temporary shelter, under which they tried to laugh at their misfortunes, and the shifts to which they were reduced (...)”¹

¹ Britain, 1836, p. 322 – Tradução: Assistência mútua foi prestada em todos os lugares, e o roubo era quase desconhecido. As classes mais altas imediatamente colocaram as pessoas para trabalhar na construção das cabanas cobertas de palha e casas temporárias de tábuas, enquanto viviam ao ar livre debaixo das árvores. Aqueles que obtiveram ou improvisaram abrigo mais rapidamente reuniram ao seu redor todos aqueles que podiam ajudar e, em poucos dias, tinham um abrigo temporário, sob o qual tentavam rir de suas desgraças e das dificuldades a que foram reduzidos.

Capítulo 2

02

A Origem da Fuga

- Catástrofes -

No mundo que conhecemos sempre existiram desastres que alteraram por completo o rumo da vida de milhares de pessoas que são vítimas destes fenómenos que não têm fronteiras. Existem duas vertentes de catástrofes que provocam distintos motivos e originam a fuga: uma engloba os desastres naturais onde temos os terremotos, os tsunamis, os tornados, as inundações, entre outros, já a outra vertente é originada pela mão humana, como os conflitos armados. Dentro destas vertentes encontramos a fuga que pode por sua vez criar deslocados internos, se as vítimas se mantiverem dentro do seu país, ou refugiados se estes cruzarem a fronteira para outro país.

A definição de desastre segundo Philip O'Keefe², é a ligação entre um risco - natural ou provocado pelo homem - e uma condição mais desprotegida. Por exemplo, quando ocorre um terremoto, se este ocorrer numa zona em que as habitações são mal construídas ou estão localizadas numa zona de perigo, como mostra a *Figura 2*, o risco aumenta consideravelmente. Vejam-se os casos recorrentes, em países menos desenvolvidos, que sendo mais pobres e vulneráveis apresentam maior risco em caso de desastres. (Ian Davis, 1978, p. 2)



Figura 2 - Perigos e vulnerabilidades - imagem reescrita pela autora do livro *Shelter After Disaster* (Ian Davis, 1978, p. 3)

² Economista que trabalhou no departamento de Disaster Research Unit, da Universidade de Bradford

2.1 Desastres Naturais

Recorrendo a literatura diversa, mas principalmente a dados históricos, conseguimos rastrear alguns dos maiores desastres naturais registados, com maior impacto e destruição no mundo. Cruzando os dados dos relatórios anuais sobre o estado do clima da OMM e os relatórios da ONU sobre Redução do Risco de Desastre (RRD), percebemos que há uma provável tendência para o aumento dos desastres relacionados com o clima (NOAA, 2023). Esta sistematização mostra-se relevante para compreender a sua geografia, perceber a importância destas ocorrências na vida das populações e permitir analisar criticamente a evolução do desastre e a sua mitigação. Rever os principais acontecimentos extremos alerta-nos mais uma vez para os problemas das alterações climáticas e do seu impacto quer nos ecossistemas e na biodiversidade, quer na vida económica e social, levando inevitavelmente ao deslocamento humano que exigirá o pensar do seu alojamento.

Desde os inícios da vida na Terra, que os quatro elementos - ar, água, terra e vento - são a fonte primária de sobrevivência do Homem, indispensável para a sua sobrevivência, contudo podem ser tão vitais como mortais. Um simples rio pode causar uma inundação, uma lareira pode originar um incêndio, uma brisa suave de Verão pode tornar-se um tornado colossal, e a terra que cultivamos e que nos dá os alimentos pode em breves segundos destruir tudo que possuímos. (Ian Davis, 1978, p. 1)

A 13 de dezembro de 115 d.C na antiga cidade de Antioquia (Império Romano) encontramos referência a um terramoto devastador que atingiu uma magnitude de 7,5 na escala de magnitude de ondas de superfície. Estima-se que este terramoto levou à morte de 260.000 civis. (Teixeira, 2016). Na história romana, escrita por Dião Cássio, encontramos o relato chocante de que o evento catastrófico começou pela manhã, quando muita gente ainda estava a dormir, havendo pessoas que conseguiram escapar, mas nem todas saíram ilesas, muitas perderam braços, pernas ou vomitavam sangue. (Carvajal, 2020)

“El mismo monte Casio se estremeció tanto que sus picos parecían inclinarse y romperse y caer sobre la misma ciudad. Otras colinas también se asentaron, y mucha agua que no existía anteriormente salió a la luz, mientras que muchos arroyos desaparecieron”³

³ Dió Casio, Historia Romana 68.25 Transcrito de (Carvajal, 2020)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

Na mesma região, mas com um intervalo de tempo de 411 anos, deu-se a 20 de Maio de 526 d.C (Império Bizantino) um dos terremotos mais destrutivos registados no mundo antigo que resultou de aproximadamente 250.000 mortes, este número é mais de metade da população naquela época. A destruição foi de tal modo, que praticamente todas as casas e edifícios da cidade caíram. (Glanville Downey, 1961, pp. 527–533). A reconstrução da cidade estava a ser feita a olhos visto, contudo em 528 d.C deu-se outro terramoto que matou 5.000 pessoas, este terramoto foi crucial para as pessoas abandonarem a cidade à procura de melhores condições de vida. Foi desta forma que a cidade de Antioquia, em 528 d.C ficou praticamente ao abandono. (Henderson, 2009).

A 23 de janeiro de 1556, a região de Shaanxi, na China, foi praticamente destruída por um sismo que afetou cerca de 1.300 km² e fez mais de 800.000 mortes. Mesmo sendo uma região muito povoada, mais de 60% da população naquela época foi atingida por este fenómeno natural. (Teixeira, 2016)

Em 1737, no oceano Índico, na cidade à época de Calcutá, no século XVIII, ocorreu um dos ciclones mais fortes já registados, de tal maneira forte que os locais na época acreditaram durante muito tempo que a tragédia tinha sido feita por um terramoto, este desastre natural retirou a vida a aproximadamente 300.000 pessoas. (Teixeira, 2016)



Figura 3 - O Golpe de Vento - Pintura de Jean-François Millet (1814-1875, France) (Millet, n.d.)

Em 1755, encontramos na *História Universal dos Terramotos*, de Joachim Moreira de Mendonça uma descrição detalhada do terramoto de Lisboa de 1755, juntamente ao relato do padre Manuel Portal, intitulado “*História da ruína da cidade de Lisboa cauzada pello espantozo terremoto e incendio, que reduzio a pó e cinza a melhor, e mayor parte desta infeliz cidade*” publicada em 1756.

No dia 1 de Novembro de 1755 decorreu um dos eventos mais significativos na história de Portugal, um terramoto tão catastrófico que causou uma destruição massiva com um elevado número de vítimas e incêndios que se espalharam por Lisboa. Muitas pessoas abandonaram a cidade de forma voluntária, o que não era normal na época, contudo, isto deu-se devido ao medo causado pelos abalos sísmicos posteriores. Durante a semana seguinte houve um conjunto de réplicas e depois, em Agosto de 1756, cerca de 10 meses depois, ocorreram 500 tremores secundários “Todo o centro da Cidade ficou reduzido a um horroroso deserto, em que se não viam mais que montes de pedras, e cúmulo de cinzas, ficando somente algumas partes dos edifícios levantadas, denegridas do fogo” (Mendonça, 1758, p. 123). Moreira de Mendonça descreve ainda que “a continuação do incêndio, e repetição dos tremores da terra fazia esquecer a gente do amor da pátria, e das fazendas. Só lembrava buscar a Deus para o perdão das culpas, e ao campo para a salvação das vidas.” (Mendonça, 1758, p. 120). Isto significa que provavelmente o que levou muitas pessoas a fugir, na altura, foi o medo de reviver novamente o desastre.

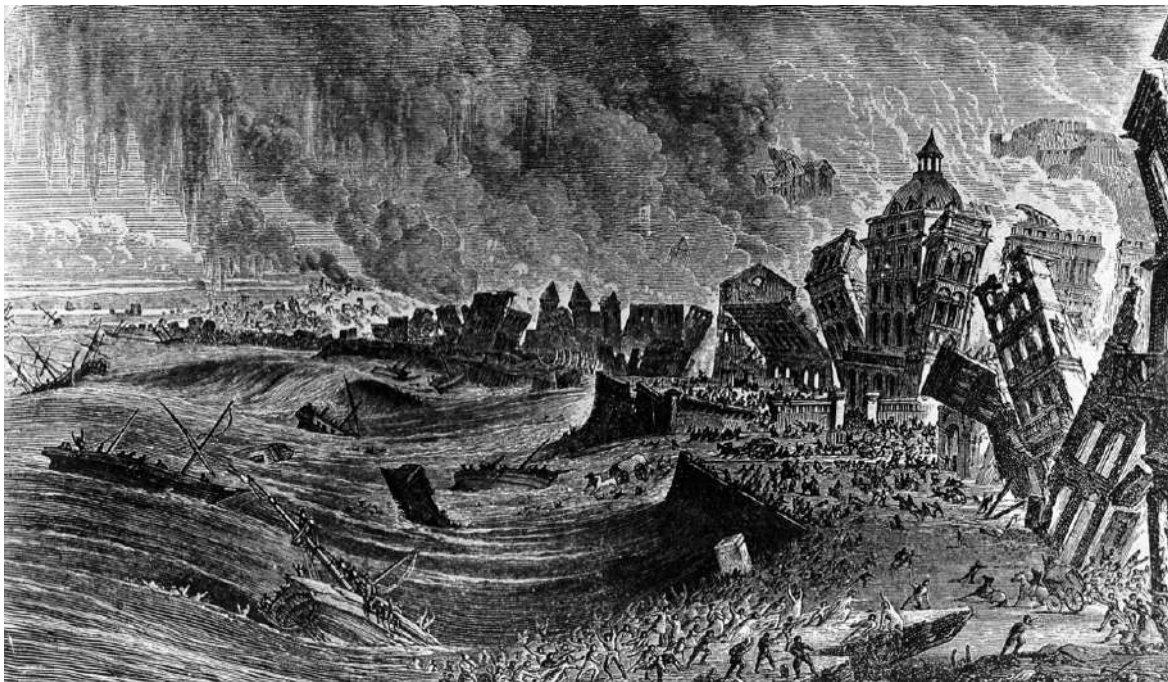


Figura 4 - Pintura realizada em 1850 que representa o terramoto de Lisboa (Leiria, 2022)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

O Rio Amarelo (Huang He), um dos maiores rios da China e o berço da civilização, tem vindo a ser o responsável por alguns desastres naturais, um deles, ocorrido em Setembro de 1887, que matou aproximadamente 900.000 pessoas. Nos períodos de chuva abundante, o rio começa a encher e em alguns casos cria uma enchente devastadora, que entra pela cidade dentro desmoronando tudo. (Teixeira, 2016)

Na cidade de São Francisco, deu-se o primeiro grande desastre do século XX, mais precisamente, no dia 18 de Abril de 1906a cidade estremeceu de tal forma que em poucos minutos, abriu uma fissura no solo, tão grande que destruiu 250.000 edifícios por completo, e forçou a que 300.000 pessoas passassem os dias seguintes ao ar livre. (Guerreiro, 2022, pp. 21–26). Assim como o terramoto de Lisboa, o terramoto de São Francisco, na Califórnia, foi seguido por devastadores incêndios, que segundo (Fradkin, 2006) não foram tão destrutivos como os seres humanos e a sua ineptidão e política de poder. Depois da catástrofe houve diferentes tipos de abrigo para as vítimas, desde casas de familiares a refúgios em edifícios que não tivessem sido afetados. Segundo dados do município de São Francisco, “a reconstrução foi muito rápida e apenas nove anos depois, em 1915, São Francisco foi eleita a sede da Exposição Internacional do Panamá e Pacífico (Mancebo, 2024)



Figura 5 - Pós-terramoto de 1906 (Zeren, 2023)

Chegamos a um dos eventos mais trágicos e mais famosos do mundo deu-se a 26 de dezembro de 2004, um terramoto de magnitude 9.1 na escala Richter na costa da indonésia gerou um maremoto causado por uma subducção, que deu origem a uma sequência de tsunamis que afetou 13 regiões e fez 226.306 mortes. Para além disso fez com que 1,8 milhões de pessoas ficassem sem teto. (Teixeira, 2016)

2.2 Conflitos Armados

A história dos conflitos provocados pela mão Humana e causados pelo mau senso do Homem tem uma história tão longa como a da humanidade, e são estudados por vários pensadores ao longo dos tempos. Temos opiniões como a teoria da justiça na guerra, desenvolvida por Santo Agostinho (354 d.C - 430 d.C) e Tomás de Aquino (1225 – 1274), que em certas circunstâncias, a guerra pode ser justa se cumprir determinados critérios, como, a autoridade competente e a probabilidade de sucesso. (R. Costa, 2010, p. 152)

Tomás de Aquino memora o que foi escrito por Santo Agostinho:

“Entre os verdadeiros adoradores de Deus, até as guerras são pacíficas, pois é o desejo da paz que os move, e não a cobiça ou a crueldade, para que sejam freados os maus e favorecidos os bons.”⁴

Por outro, temos Bertrand Russell (1872 – 1970) um filósofo, com uma mente muito futurista, que argumentava que a guerra é um verdadeiro crime contra a humanidade. Foi um ardente defensor do pacifismo e criticou fortemente os conflitos armados. Ele acreditava que as guerras eram irracionais, e que estes conflitos poderiam ser resolvidos de forma pacífica, defendia a importância do diálogo e da negociação. Russell mostra uma profunda preocupação com o sofrimento humano e as consequências avassaladoras que as guerras trazem para as comunidades e para a humanidade. (Arroyo, 2020)

Recorrendo novamente a literatura diversa, mas principalmente a dados históricos, conseguimos rastrear alguns dos maiores desastres provocados pelo homem, com maior impacto e destruição no mundo. Esta sistematização mostra-se relevante para compreender padrões, a sua geografia, impacto, perceber a importância destas ocorrências na vida das populações e permitir analisar criticamente a evolução destes tipos de desastre e resposta de reação ao deslocamento forçado que sempre geram. Inevitavelmente e já no século XX, encontramos as duas grandes guerras como acontecimentos geradores de fuga. No ano de 1939 ocorreu a Segunda Guerra Mundial que durou 6 anos, até 1945. Este conflito teve um impacto significativo na vida das pessoas, causando o maior número de deslocados na história. Não tendo números certos, acredita-se que rondam as dezenas de milhões de pessoas que fugiram com receio dos conflitos, das perseguições e da devastação que se estava a sentir em toda a Europa e Ásia. (Guerreiro, 2022, pp. 39–44)

⁴ Tradução livre da autora do original “*Apud veros Dei cultores, etiam illa bella pacata sunt, quae non cupiditate aut crudelitate, sed pacis studi geruntur, ut mali coerceantur et boni subleventur*”. (R. Costa, 2010, p. 152)

Arquitetos como Alvar Aalto, Jean Prouvé e Le Corbusier, desenvolveram abrigos temporários que podiam ser facilmente montados, modulares e que exploraram a habitação mínima. Mesmo depois de terminar a Segunda guerra mundial, esses abrigos ainda forneciam acomodações às pessoas deslocadas. Contudo, a produção em massa desses abrigos acabou por ser suspensa, devido à falta de materiais e complicações nos transportes. (Guerreiro, 2022, pp. 39–44)

Após a Segunda Guerra Mundial várias organizações humanitárias surgiram, como a Organização das Nações Unidas (ONU), em substituição da Liga das Nações e criada no pós I Guerra Mundial com o intuito de manter a paz, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a United Nations Relief and Works Agency (UNRWA) a United States Agency for International Development (USAID), entre outras. Este tipo de organizações desempenham, ainda hoje, um papel importante na resposta às complexas crises humanitárias. É importante referir que a primeira organização Humanitária independente criada com o objetivo de proteger a vida e a dignidade das vítimas de conflitos armadas foi o Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) em 1863.



Figura 6 - A denúncia da Guerra - 1942 - Obra de Lasar Segall (Musa, 1983)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

Encontramos diversos conflitos no continente africano, do qual salientamos na década de 1990, a guerra civil na Somália. País marcado por vários cenários terríveis, desde secas e fomes constante, conflitos internos e conflitos com países vizinhos, incluindo milícias lideradas pelo Al-Shabab e Hisb-ul-Islam contras as forças governamentais. Esta instabilidade deu origem a uma situação humanitária terrível que por sua vez originou um grande número de refugiados, que procuravam acolhimento nos países vizinhos (ACNUR, 2009). Encontramos por isso o complexo de refugiados de Dadaab, no Quênia, constituído por 5 campos, como sendo o maior receptor da população somali em exílio há mais de 3 anos. (M. Neto, 2022)

Uma guerra que parecia também não ter fim desde 2001, passados 20 anos, em Abril de 2021, o presidente dos EUA Joe Biden, declarou o fim da guerra mais longa da história dos EUA. Em 2001, depois do atentado a 11 de Setembro às torres gémeas, um grupo islamista Al-Qaeda foi identificado, e assim deu-se início a 20 anos de conflitos que provocou milhares de mortes e a um grande número de afegãos em êxodo. Mesmo com a guerra dada como terminada, a população enfrenta um futuro ainda muito incerto, visto que com os Talibãs ao poder, maioritariamente as mulheres enfrentam várias violações aos direitos humanos, impedidas de participar na sociedade e na vida pública. Contudo, a população em geral está a passar por uma grande crise humanitária. (Roche, 2021)



Figura 7 - Soldados norte-americanos carregam o corpo do sargento Larry Rougl - Afeganistão em outubro de 2007 - Fotografia de Lynsey Addario (Semanal, 2019)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

Já no Oriente Médio, da Ásia ocidental, na Síria, o que começou com uma revolta pacífica contra o presidente sírio, tornou-se numa guerra civil devastadora. Evoluiu de tal forma, que se considera uma das piores tragédias humanas. Em 2011, o povo sírio descontente com as altas taxas de desemprego, corrupção e falta de liberdade política, organizou uma manifestação pacífica que evoluiu para o que nós vemos nos dias de hoje. Este conflito resultou em inúmeras mortes e originou milhões de deslocados e de refugiados. (ONU, 2019)

Em 2013, o conflito no Sudão do Sul gerou uma das maiores crises de refugiados da história e conseqüentemente uma das maiores emergências humanitárias. Os refugiados maioritariamente mulheres e crianças, numa tentativa de salvamento, passaram fronteiras, contudo, a maioria chega em péssimas condições de saúde. (ACNUR, 2020). A 4 de fevereiro de 2023, o Papa Francisco foi o primeiro pontífice católico que visitou o campo de refugiados sudaneses, e apelou à paz:

“Aqui perdura a maior crise de refugiados do continente, pelo menos com quatro milhões de deslocados, filhos desta terra, com a insegurança alimentar e desnutrição que afetam dois terços da população e com previsões que falam duma tragédia humana que se pode agravar ainda mais, no curso do ano”⁵



Figura 8 - Fotografia de Lynsey Addario – O sofrimento das mulheres do Sudão - Ayak, uma refugiada sudanesa em Uganda, simboliza essa dor como uma vítima da violação, uma arma cruel na guerra. (Semanal, 2019)

⁵ (Carmo, 2023)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

A persistente crise de refugiados rohingya, que remonta à lei de cidadania de 1982, revela o problema da perseguição étnica e das minorias consideradas apátridas. Nos anos de 1990, mais de 1 milhão de pessoas fugiram de Mianmar, mas foi em 25 de Agosto de 2017 que a violência do estado de Rakhine brotou, fazendo com que as associações humanitárias trabalhassem, juntamente com o Governo de Bangladesh (GOB), na tentativa de conseguirem dar resposta a este deslocamento em massa. (ACNUR, 2023b).

Os refugiados vindos de Mianmar são hospedados em campos que estão espalhados pelo Bangladesh. Em 2021, o Governo do Bangladesh realizou um projeto que fez com que aproximadamente 30.000 pessoas fossem para uma ilha, Bhasan Char (Figura 9).

O Bangladesh não é signatário da Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 nem dos tratados sobre apatridia. No entanto, com a situação que se estava a passar, o país validou alguns tratados importantes dos direitos humanos. Este país na Ásia meridional, não usufrui de normas nem de leis nacionais que ajudem na gestão dos refugiados. O governo lida com esta situação por meio de orientações, correspondências oficiais e instrumentos administrativos. (UNHCR, 2023b)

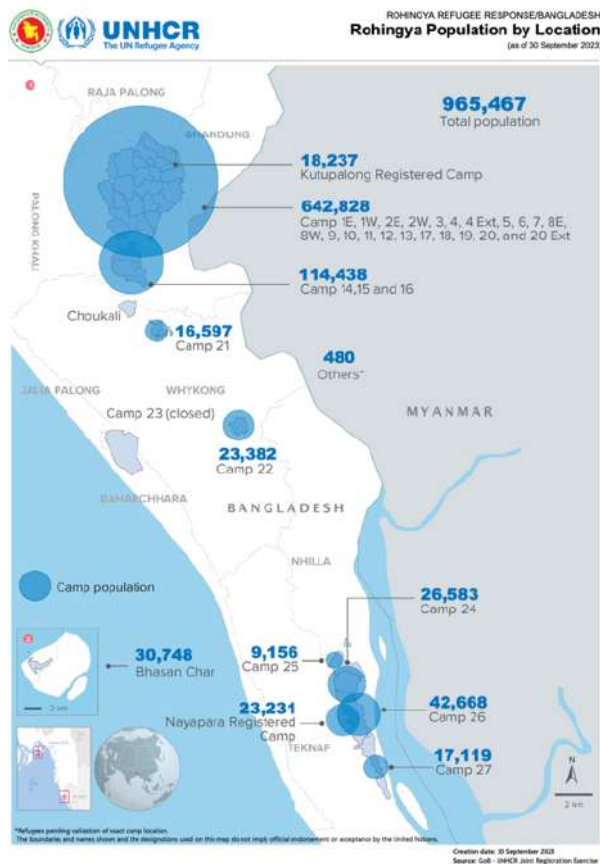


Figura 9 - Campos de refugiados em Bangladesh (UNHCR, 2023a)

O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso

Conflitos recentes e atuais é a guerra na Ucrânia e a guerra entre Israel-Hamas. A guerra na Ucrânia, com início em 24 de fevereiro de 2022, desencadeou uma das emergências humanitárias que mais cresce na história recente. Fez com que houvesse, tanto uma crise de deslocamento, como uma crise humanitária e uma crise económica. Em pouco tempo, milhares de pessoas fugiram das suas casas à procura de abrigo fora das fronteiras imediatas da Ucrânia e até mesmo em partes mais longe do conflito. (ACNUR, 2023a)

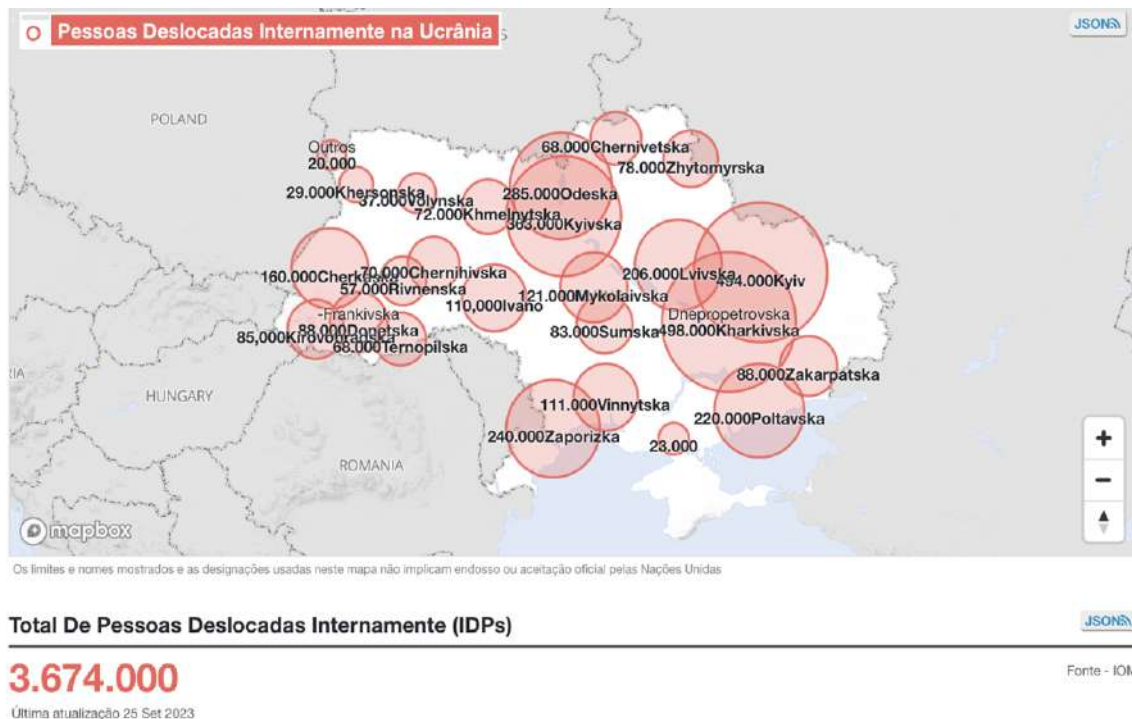


Figura 10 - Dados de pessoas deslocadas guerra na Ucrânia (ACNUR, 2023a)

Durante a realização desta dissertação, a 7 de Outubro de 2023, dá-se o conflito entre Israel e Hamas. Este conflito que está a gerar inúmeros mortos, teve como evento anunciado o massacre de Hamas aos judeus na fronteira da Faixa de Gaza. Contudo, acredita-se que estes ataques foram um ato de revolta, pois como o secretário-geral da ONU salienta, nada justifica a morte em massa, os ferimentos ou os raptos causados à população. As palavras de António Guterres, que foram vistas por alguns países como uma justificação ao ataque de Hamas (I. P. Pereira, 2023), foram na verdade uma constatação dos mais de 56 anos de vida em exílio do povo palestino.

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

"O povo palestino tem estado sujeito a 56 anos de ocupação sufocante. Viu as suas terras serem constantemente devoradas por colonatos e assoladas pela violência; a sua economia sufocada; o seu povo deslocado e as suas casas demolidas. As suas esperanças de uma solução política para a sua situação têm vindo a desaparecer". (Guterres, 2023)

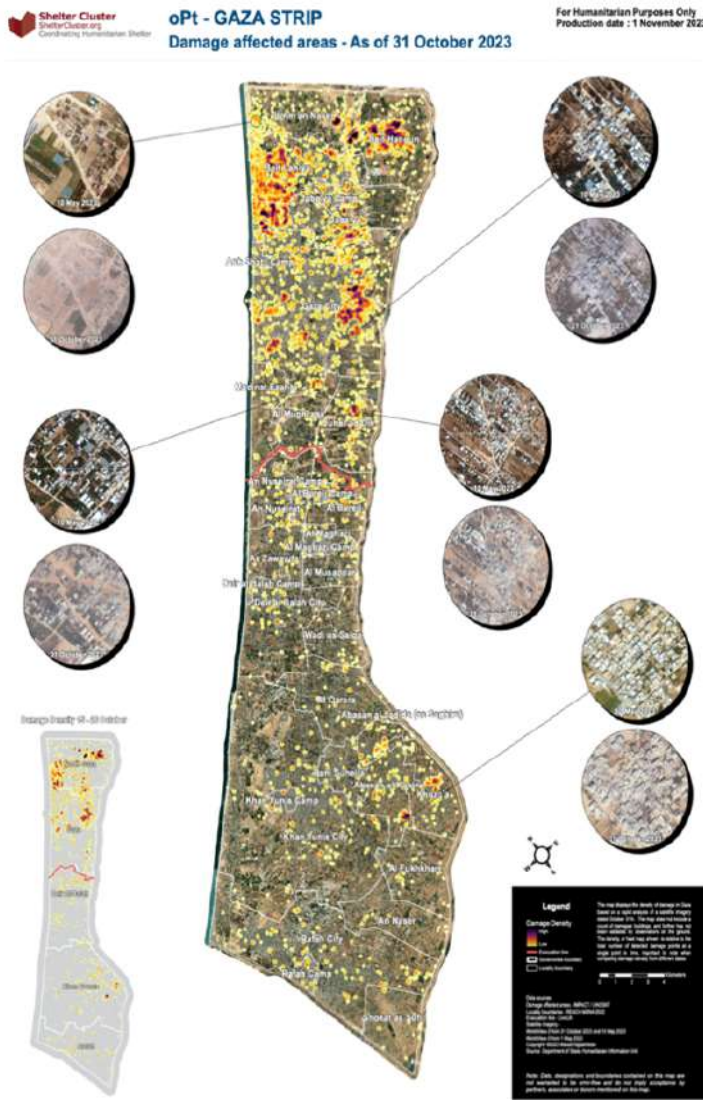


Figura 11 - Áreas afetadas na faixa de Gaza até 31 de Outubro de 2023 (Camila, 2023)

Num semanário #2660 do jornal expresso a 23 de outubro de 2023, Ricardo Araújo Pereira recorre ao humor para descrever a guerra entre Israel e Hamas:

“Sempre achei que muçulmanos e judeus concordavam numa das questões mais polémicas da história: ambos consideram que bifanas são péssimas. Como é que é possível ter uma opinião coincidente numa matéria tão controversa e depois discordar da ideia de que a aniquilação mútua talvez não seja a solução sensata? O mundo é difícil de compreender”⁶

⁶ (R. A. Pereira, 2023)

Todos estes desastres enumerados até ao momento, sejam eles naturais ou originados por conflitos armados, são exemplos infortúnios que levaram à deslocação de milhares de pessoas – deslocados internos e/ou refugiados – ao longo dos anos. Na *figura 12* conseguimos visualizar que mais de metade do número de refugiados existentes a 14 de junho de 2023, foram originados devido a três conflitos armados. Desta forma, conseguimos verificar que as acções humanas trazem consigo mais problemas, incluindo problemas humanitários, do que os maiores desastres causados pela Natureza, até porque um conflito implica sempre problemas políticos.

Principais países de origem

52% de todos os refugiados e outras pessoas em necessidade de proteção internacional vieram de apenas três países.

Países	Número de pessoas deslocadas
 República Árabe da Síria	6.500.000
 Ucrânia	5.700.000
 Afeganistão	5.700.000

14 de junho de 2023

Fonte: [ACNUR Global Trends 2022](#) • [Obter dados](#) • Criado com [Datawrapper](#)

Figura 12 - Número de pessoas deslocadas (ACNUR, 2023d)

Todos estes episódios que foram referidos acima, desde a segunda guerra mundial, o conflito na Síria, a guerra no Afeganistão ou até mesmo os mais atuais, como a guerra na Ucrânia ou a guerra entre Israel e Hamas, são infelizes situações que fizeram com que milhões de famílias deixassem as suas casas, numa tentativa de encontrarem segurança para si e para as suas famílias. Esta coragem, ou um puro ato de desespero traz consigo o medo do incerto do que irão enfrentar. Quando isto acontece, cabe às comunidades responsáveis de acolhimento perceber quais os desafios que estes povos enfrentam e avançar com medidas para atenuar, de alguma forma, o sofrimento humano.

Quando o objetivo é aliviar o sofrimento humano, fornecer apoio e proteção, as medidas imediatas que são tomadas é o recurso à ajuda médica, aos cuidados de saúde, comida, água potável, serviços como a educação, proteção e claro, o abrigo. É aqui que a arquitetura humanitária desempenha um papel fundamental. As construções de bons abrigos temporários, planeados, são cruciais para a sobrevivência daqueles que foram afetados por eventos catastróficos e se tornaram deslocados internos ou refugiados.

Mas o que é de facto um refugiado?



Figura 13 - Os refugiados - (ACNUR, 1997, p. 2)

Após a Segunda Guerra Mundial, em 1947, houve uma tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos da América que originou a chamada Guerra Fria, acontecimento este que assistiu a um aumento acentuado no número de pessoas que, estavam a cruzar fronteiras na procura de melhores condições de vida na África, na Ásia, na América e no Oriente Médio. (Davey, Borton, & Foley, 2013, pp. 24–25)

A Segunda Guerra Mundial resultou em milhões de pessoas deslocadas. Em maio de 1945, mais de 40 milhões estavam desabrigadas apenas na Europa, excluindo os 13 milhões de alemães de diversas etnias que foram expulsos nos meses seguintes da União Soviética e dos países do Leste Europeu. Além disso, mais de 11 milhões de trabalhadores forçados e outras pessoas foram deslocadas dentro do território do antigo Reich. (ACNUR, 2022)

Segundo o ACNUR, no seu relatório A/35/12 de 24 de Setembro de 1980, as pessoas que vinham de África na década de 1970 chegaram a ultrapassar o milhão, contudo, passados 10 anos, em 1980, o número aumentou de tal forma que chegou a ultrapassar os 3.5 milhões. Este aumento estava articulado com o facto de que, os Estados que provocavam o deslocamento da sua própria população, chegavam a acolher outros refugiados vindos de outras Nações. Os governos ocidentais ao depararem-se com este fenómeno, começaram a ver o apoio aos refugiados como um elemento fundamental da sua política externa em relação aos países recentemente independentes, e assim, utilizavam a assistência internacional como uma estratégia de competição entre a região leste e a região oeste. Segundo alguns autores, esta situação mundial abriu portas para a ACNUR, que ampliou as suas soluções, competência, delegação e objetivo geográfico. (Davey et al., 2013, pp. 24–25)

“Nansen viu que um dos maiores problemas enfrentados pelos refugiados era a falta de documentos de identificação internacionalmente reconhecidos. Sua solução, que passou a ser conhecida como “passaporte de Nansen”, foi o primeiro instrumento jurídico para a proteção internacional dos refugiados.”⁷

Quando em 1922, Fridtjof Nansen (1861-1930) – cientista, explorador e diplomata norueguês - criou os passaportes Nansen para os refugiados que fugiam da Rússia, estes não abordavam nem as causas do deslocamento nem mencionavam uma definição concreta do que realmente significava “ser refugiado”. (Herz, 2013, p. 38)

⁷ (ACNUR, n.d.)

Por causa disto, nas Convenções de Refugiados de 1933 e 1938 este tema foi posto em debate, chegando a definir o termo 'refugiado' com base na etnia do indivíduo ou no país de onde vinha. A convenção de 1933 estava mais direcionada para refugiados russos, arménios, turcos, entre outros. Já em 1938 a convenção era direcionada para os refugiados que vinham da Alemanha. Depois da Segunda Guerra Mundial, o “ser refugiado” foi alvo de outras definições. Basicamente esta mudança deveu-se ao facto de passarem a concentrar-se mais no que provocava o deslocamento, em vez de focar-se na etnia de cada pessoa. A Convenção de Refugiados de 1951 aprovou uma definição base de refugiado, com apoio na experiência pessoal de cada indivíduo, em vez de considerar as características de grupos. Para além disso, esta definição estipulou um prazo que fez com que se restringisse a pessoas deslocadas "devido a eventos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951", o que fez com que as responsabilidades dos governos em responder fossem menores, limitando o seu alcance ao período logo após a guerra. (Davey et al., 2013, p. 25)

Segundo a Convenção de Genebra de 1951, “um refugiado é uma pessoa que receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual, após aqueles acontecimentos não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar.” (Convenção de Genebra de 1951, 1951)

Como o ACNUR estava a trabalhar num cenário mais abrangente, em 1960 a maioria dos refugiados que eram ajudados pelo ACNUR não estavam abrangidos pela ONU, isto originou a uma nova revisão da definição que estipulava o estatuto de refugiado. O Protocolo de 1967, assinado em Janeiro e em vigor a 4 de Outubro, eliminou a restrição de tempo que limitava o status de refugiado "devido a eventos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951". Este Protocolo entrou em vigor de forma rápida, visto que só necessitava da aceitação de apenas seis Estados, em vez da participação de todos os governos que haviam ratificado o tratado original. Além disso, os países puderam aderir ao Protocolo sem a necessidade de ratificar a Convenção de 1951, tornando-o acessível a um maior número de Nações, incluindo os Estados Unidos. (ACNUR, 1967) (Davey et al., 2013, p.25)

Na história do ACNUR, publicada pela própria agência na sua página oficial, percebemos que após a adoção do Protocolo, o ACNUR ampliou os seus feitos e começou a atuar numa maior escala geográfica, desenvolvendo programas de assistência para além do seu foco original, englobando grupos como:

1. Deslocados internos: “são pessoas deslocadas dentro de seu próprio país, pelos mesmos motivos de um refugiado, mas que não atravessaram uma fronteira internacional em busca de proteção”. Estes deslocados internos, como se encontram no seu país de origem, aos olhos da lei continuam sob a proteção do Estado do seu país. (ACNUR, 2018)
2. Retornados: “refugiados e solicitantes de refúgio que retornam voluntariamente a seus países de origem.” (ACNUR, 2018)
3. Requerente de asilo: “alguém que solicita às autoridades competentes ser reconhecido como refugiado, mas que ainda não teve o seu pedido avaliado definitivamente pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio.” (ACNUR, 2018).
4. Pessoas apátridas: “são pessoas que não têm a sua nacionalidade reconhecida por nenhum país”. Isto ocorre por causa da “discriminação contra minorias na legislação nacional, falha em reconhecer todos os residentes do país como cidadãos quando este país se torna independente (secessão de Estados) e conflitos de leis entre países.” (ACNUR, 2018)
5. Populações afetadas pela guerra e outros.

De acordo com esta expansão, há autores que consideram que a agência deixou de ser uma entidade estritamente não operacional, sem autoridade para arrecadar fundos, numa instituição de tal forma grandiosa, com um programa de longo prazo que enfatizava não apenas a proteção, mas cada vez mais a assistência prática dos mais desfavorecidos como parte de uma agenda estratégica. (Davey et al., 2013, p. 25) (Loescher, 2001) (Betts, 2009)

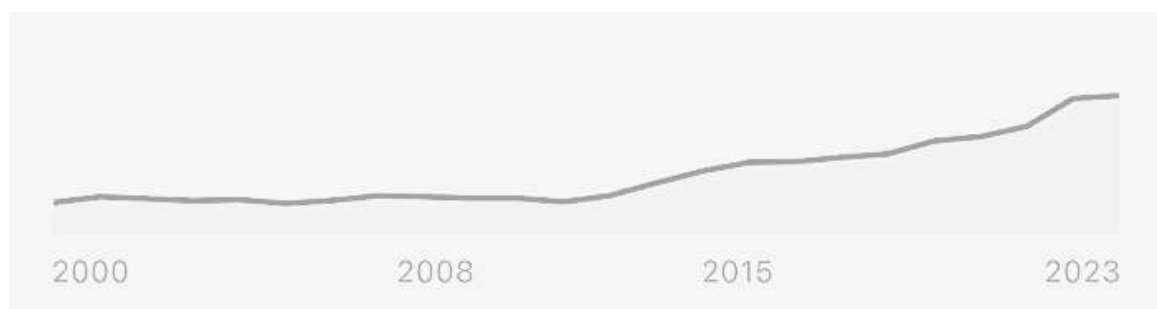


Figura 14 - Aumento do número de pessoas deslocadas por ano - Imagem retirada da aplicação Refugee Data

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

O Acolhimento

- Um Desafio Global e Humanitário -



Figura 15 - Abrigo - (ACNUR, 1997, p. 201)

O acolhimento de refugiados é um tema presente e bastante central quando colocado em contexto global, evidencia e destaca uma necessidade nas respostas humanitárias perante as diversas crises e desastres que fazem com que milhões de pessoas deixem a sua vida na tentativa de encontrarem um abrigo de proteção. Este acolhimento chega a ser um verdadeiro desafio para as comunidades internacionais, pois o deslocamento compulsório de uma grande parcela da população traz uma série de questões e desafios na integração desses cidadãos nos países recetores. Sabemos que este fenómeno, não desafia apenas as estruturas sociais e económicas dos países, mas também destaca a necessidade que existe de haver abordagens compreensivas e colaborativas para lidar com os impactos humanitários e sociais que estão diretamente associados. (Siddiqi, 2023) (B. F. Costa & Teles, 2019)

No tempo que vivemos, a emergência ambiental é um fator importante a ter em conta, por isso, atualmente a tentativa de encontrar soluções sustentáveis para estes desafios globais requer uma cooperação internacional estável. As políticas de integração devem assim considerar não apenas as necessidades imediatas, mas também promover a inclusão a longo prazo, contribuindo para a construção de sociedades mais resilientes e coesas. É neste tópico que encontramos o estudo de caso do Fundão, que apresenta como estratégia municipal de longo prazo ser cidade de acolhimento.

Percebemos que cabe aos países de acolhimento desenvolver estratégias eficazes, de forma rápida, na tentativa de conseguir distribuir e reorganizar a população que está a sofrer um deslocamento. Este assunto apela não só a uma gestão de recursos, mas também à compaixão de quem acolhe. Quando existem no mundo conflitos armados, perseguições humanas, catástrofes naturais e imensa instabilidade política, faz com que se apele o respeito dos direitos humanos, numa tentativa de apaziguar o sofrimento daqueles que procuram segurança. (Siddiqi, 2023) (B. F. Costa & Teles, 2019)

Quando se trata do acolhimento dos refugiados, apesar de se regerem pela mesma convenção que é a Convenção de Genebra de 1951, cada país faz uma adaptação dessa convenção conforme os interesses do próprio Estado e, por isso, a forma de acolher varia bastante, dependendo do contexto em que se insere, pois cada país tem as suas políticas que resultam de diversas respostas, logo em diferentes abordagens de proteção ao refugiado, alguns são recebidos calorosamente, enquanto outros se deparam por várias discriminações e atrocidades. (M. Neto et al., 2022, p. 129)

O conceito de “acolhimento de refugiados” é muito mais do que dar abrigo, abrange inúmeros desafios, desde dar apoio emocional e psicológico, fornecer alguns cuidados básicos como cuidados de saúde e educação até a integração sociocultural nas comunidades, para garantir sempre que sejam tratados com dignidade. Neste acolhimento, a arquitetura e o planeamento urbano desempenham uma função importante na parte de alojar os refugiados, pois possibilitam a criação de espaços devidamente pensados, acolhedores para proteção e refúgio dos que mais necessitam. (M. Neto et al., 2022)

É curioso pensar que mesmo antes de analisar e estudar este tema, tinha noção que o acolhimento de refugiados não era um assunto em si, fácil. Contudo depois de toda uma pesquisa efetuada, este assunto do acolhimento tornou-se ainda mais complexo. Estas pessoas que por diversos motivos têm de sair do seu país de origem, infelizmente enfrentam inúmeros desafios tanto em países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento, nomeadamente no que diz respeito à sua receção.

Quando este assunto é confrontado num país em desenvolvimento, as limitações encontradas abrangem desde a escassez de infraestrutura até à falta de capacidade para lidar com grandes fluxos populacionais. Infelizmente, neste tipo de países a população local já enfrenta bastantes dificuldades, por isso, na complexidade do acolhimento as organizações humanitárias responsáveis são convocadas para garantir o bem-estar destas pessoas, em especial o ACNUR. (M. Neto et al., 2022)

Nos países já desenvolvidos as dificuldades encontradas são bastante diferentes dos países em desenvolvimento, aqui não existe, por exemplo, escassez de infraestruturas. Em contrapartida temos outros obstáculos também difíceis de contornar: as complexidades políticas, económicas e sociais são, muitas vezes uma barreira no processo de integração destas pessoas na sociedade.

É através desta consciência que o capítulo 4 está desdobrado em países em desenvolvimento e países desenvolvidos, analisando as complexidades do acolhimento nos diversos contextos.

Com isto, é urgente reconhecermos a importância de estratégias que abranjam e considerem não apenas as necessidades imediatas dos refugiados, mas também os contextos específicos de cada país de acolhimento, de modo a conseguir promover uma verdadeira inclusão e cooperação internacional. (M. Neto et al., 2022)

4.1 Países em Desenvolvimento

A quantidade de pessoas deslocadas devido a conflitos e perseguições de acordo com o Relatório de Tendências Semestrais do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, até setembro de 2023, aponta para cerca de 114 milhões de pessoas em todo o mundo, obrigadas a abandonar os seus lares na esperança de maior proteção e condições de vida melhores. (ACNUR, 2023c)

Realizar o acolhimento de refugiados, seja em que país for, traz consigo bastantes dilemas e preocupações. Contudo os países em desenvolvimento enfrentam e deparam-se com estes desafios numa escala de proporções ainda maiores. Isto acontece por causa dos recursos limitados e infraestruturas precárias que estes países de acolhimento possuem, e que tornam a tarefa de oferecer proteção e assistência, uma situação muito mais complexa. Para além de tudo isto, a instabilidade política e os conflitos internos que estão presentes em muitas dessas regiões, agravam ainda mais a situação. (M. Neto et al., 2022)

São nestas ocasiões e circunstâncias que as organizações internacionais, em particular o ACNUR, cooperam com o país de acolhimento na tentativa de fornecer abrigo e assistência aos refugiados. O apoio destas organizações nestes países de terceiro mundo é essencial e imensamente importante para conseguir contornar e apaziguar os dilemas que irão surgindo. (M. Neto et al., 2022)

“O ACNUR não tem sido apenas um agente na política mundial, mas um ator principal”. Um exemplo dessa atitude pró-ativa, é o papel do ACNUR na codificação, promoção e monitorização do respeito pelo direito internacional dos refugiados por todos os Estados. (Loescher, 2001, p. 6)

A criação de campos de refugiados para acolhimento de refugiados, é concebido para ser uma medida temporária, destinada para ser rapidamente projetada e assim fornecer proteção e assistência àqueles que foram forçados a fugir devido a conflitos, violência ou perseguições. Para se criar e organizar estes campos, seguem-se as diretrizes que estão descritas no Manual de emergência do ACNUR, um documento abrangente que delinea o seu planeamento, a sua gestão e a sua coordenação. No entanto, esta regulamentação pode conduzir a uma abordagem funcionalista na prática arquitetónica, onde o desenho é predominantemente orientado pela funcionalidade prática, muitas vezes em detrimento de considerações mais amplas, como a qualidade de vida dos ocupantes. (M. Neto et al., 2022, p. 130)

A criação deste manual (publicado pela primeira vez em 1982) tinha como objetivo, desde o início, assegurar uma resposta humanitária completa e eficaz, diante das complexidades e problemas associados ao deslocamento forçado que levam ao acolhimento de refugiados. (M. Neto et al., 2022, p. 130)

Percebemos assim, que o acolhimento de refugiados é executado consoante as normas descritas no Manual de Emergências do ACNUR. Organizado em capítulos temáticos, este manual dita as respostas em situações de emergência, orientando assim a responsabilidade de proteção atribuída ao ACNUR. Detalha tanto o planeamento, gestão e coordenação das ações de resposta, como também aborda áreas cruciais, como saúde, serviços comunitários, saneamento entre outros. Além disso, o manual oferece as indicações necessárias para as operações dentro do campo. (M. Neto et al., 2022, p. 130)

De facto, ao analisar e estudar o artigo “Landscapes of Care. Between spaces of protection and political rights”, premiado pelo Prémio Universidades – Trienal de Arquitetura de Lisboa de 2022, percebe-se que infelizmente o aumento global de pessoas deslocadas e em situações de exílio, revela as lacunas de um sistema internacional que insiste em funcionar com base numa perspetiva tradicional, de conflitos breves e de curta duração. É cada vez mais notório que o modelo de campos de refugiados já não é a solução mais adequada para os desafios enfrentados no século XXI. Basicamente, o atual sistema internacional de refugiados, está-se a deparar com desafios crescentes e cada vez mais complexos, devido ao infeliz aumento de crises prolongadas e complexas, utilizando os campos de refugiados, com permanências cada vez mais longas, como principal abordagem para lidar com a questão, o que se revela inadequado diante da natureza evolutiva e global das crises contemporâneas de refugiados. (M. Neto et al., 2022)

Um facto interessante descrito no livro “The UNHCR and World Politics – A Perilous Path” escrito por Gil Loescher em 2001, aborda o papel do ACNUR ao longo de cinco décadas, discutindo questões como a necessidade de melhor coordenação entre instituições internacionais, abordagem global para deslocados internos e falhas na assistência humanitária. Apesar do livro ter 23 anos, Loescher já destacava a importância de reverter a redução da proteção aos refugiados e defendia uma resposta internacional mais eficiente e coordenada, propondo revitalizar o ACNUR para torná-lo mais eficaz, argumentando que o respeito às regras do direito internacional dos refugiados é vital para manter uma sociedade aberta e garantir a segurança global. Em resumo, o autor procura com isto, uma abordagem mais forte para enfrentar os desafios relacionados aos refugiados e fortalecer a proteção internacional, o que nos leva ao próximo capítulo.

“To work for each and every human being is the mission of the architect.”

A prática de Shigeru Ban

Introdução

Face aos múltiplos desafios que o acolhimento e a proteção internacional colocam, como observámos no ponto anterior, encontramos referências no campo da arquitetura que se destacam pelo envolvimento ou compromisso em contribuir para a melhoria das condições de vida das populações em exílio ou deslocadas internas.

Shigeru Ban, desde o início da sua carreira como arquiteto, destacou-se de uma maneira surpreendente, principalmente no ramo da arquitetura humanitária. Este arquiteto desafia as expectativas quando falamos na relação dos projetos, pois atua em áreas totalmente opostas da arquitetura chamada tradicional. Tanto realiza projetos de grande visibilidade e destaque como museus, como projeta arquitetura de cariz humanitário para ajudar comunidades em situações precárias. “(...) how the design of both museums and temporary housing constantly influenced each other precisely because they both occupy the same field of importance for me. (...)”⁸. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 11) Isto não só destaca a sua enorme versatilidade como arquiteto, como também retrata a amplitude da sua prática.

O percurso de Shigeru Ban, fez com que ele ficasse mundialmente famoso na arquitetura humanitária por usar materiais pouco convencionais, como os tubos de papel, para produzir estruturas arquitetónicas. Ele começou a trabalhar com esta técnica nos anos oitenta, mais precisamente em 1986, muito antes da sustentabilidade se tornar uma preocupação no ramo da arquitetura. Shigeru Ban não se intitula como um "arquiteto ecológico" ou "sustentável" pois acredita que a sua abordagem não se baseia apenas na ideia de sustentabilidade, mas sim na eficiência de criar estruturas sólidas e resistentes com materiais supostamente débeis. (Ballesteros et al., 2008)

O papel como material de construção, para além de se tornar um processo de referência e padrão ao longo da sua carreira, fez com que a temporalidade emergisse nos seus projetos. Para além disso, este método é visível em bastantes obras deste arquiteto como museus, edifícios religiosos, mas principalmente nos projetos de emergência pós-catástrofe. (Siviero, 2015, p. 73)

⁸ Tradução: como o desenho dos museus e da habitação temporária se influenciou constantemente um ao outro precisamente porque ambos ocupam o mesmo campo de importância para mim.

O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso

Esta técnica que foi influenciada pela abordagem japonesa de construção e pelo legado inspirador deixado por John Hejduk, Richard Buckminster Fuller e Emilio Ambasz, é ressaltada na tentativa de encontrar materiais de baixa tecnologia, mas competentes de maneira a simular o comportamento da matéria natural. De modo a evitar a ligação permanente, a técnica está em utilizar o encaixe através de elementos, ligação a seco. Estas escolhas tecnológicas enfatizam a reversibilidade do método construtivo, originando a capacidade de “desconstruir” por meio dessas técnicas de ligação, e assim, dando a possibilidade do objeto construído ter um novo propósito quando a sua vida útil em determinado local acaba. Assim as construções de Ban são desmontadas, recicladas e reutilizadas, contribuindo para a uma lógica de sustentabilidade. (Siviero, 2015, p. 73)

Este processo construtivo, mesmo sendo em série, é realizado com técnicas que podemos considerar como “primitivas”, tornando as suas obras soluções práticas e eficientes, ainda mais quando falamos no campo da arquitetura humanitária. Como não utiliza técnicas mais complexas, torna-se particularmente precioso em projetos de cariz temporário, derivados de catástrofes naturais ou de conflitos armados, nos quais os pontos fundamentais são a qualidade, o baixo custo e a velocidade de montagem da estrutura. (Siviero, 2015, p. 75) Assim, Shigeru Ban, demonstra que é um arquiteto que transcende as expectativas convencionais, optando por uma abordagem única e visionária no trabalho que realiza.



Figura 16 - Shigeru Ban ('Shigeru Ban | Asia Society', n.d.)

Percurso

Torna-se pertinente perceber a percurso deste arquiteto para daí intuir a sua ligação à arquitetura temporária e humanitária. Na biografia de Shigeru Ban apresentada no site oficial do Prémio Pritzker atribuído em 2014, e suportada pela Hyatt Foundation, e que de seguida se analisa, encontramos informação biográfica que cruzamos com a informação do livro “Voluntary Architects’ Network (VAN): Making Architecture, Nurturing People: From Ruanda to Haiti” do autor, para construir um percurso de vida e de prática profissional.

Numa segunda-feira, em Tóquio, no dia 5 de agosto de 1957, nasceu o arquiteto japonês Shigeru Ban. Nascido numa família abastada, o seu pai, um empresário do grupo Toyota, era um amante de música clássica que fez com que o seu filho soubesse violino ainda muito jovem. Já a sua mãe, uma designer de roupas de alta-costura, viajava muito para a europa, e assim, fez com que Shigeru Ban aprecia-se muito a viagem e os países que não o seu. Ainda segundo a mesma biografia, no ensino até à 9ª série (sistema escolar japonês), Ban queria seguir a profissão de carpintaria, isto porque era fascinado pelo trabalho que se realizava na sua própria casa. Como era de madeira, frequentemente alguns carpinteiros eram contratados para tratar a madeira da sua casa. Contudo, o desejo de ser arquiteto apoderou-se dele quando chegou a ganhar um concurso, durante as férias de verão, com um modelo de uma casa. Da relação com a madeira percebemos a ligação às peças de juntas secas e o pensar nos encaixes como reforço estrutural.

A arquitetura não era o único sonho que ele tinha, o rugby já estava na sua vida há algum tempo. Foi um desporto que praticou desde os dez anos de idade e que o acompanhou até à entrada da universidade. Ban esperava conseguir entrar na Universidade de Waseda para conseguir ter as suas duas grandes paixões: o rugby e a arquitetura. Assim, na 10ª série, ele passava todos os domingos no ateliê de um pintor para aprender a desenhar. Não ficando satisfeito, na 11ª série foi para uma escola de desenho, onde tinha aulas todos os dias após os treinos de rugby. Infelizmente o percurso de rugby acabou quando a equipa de Shigeru Ban foi derrotada logo no início do campeonato. Foi aqui que Ban desistiu de entrar na Universidade de Waseda e focar-se só no percurso de arquitetura. Entrar na universidade de Artes de Tóquio era o objetivo a cumprir, para isso, logo na 12ª série, para se preparar para a entrada na universidade, este juntou-se a aulas noturnas onde começou a trabalhar com o papel, a madeira e o bambu para fazer modelagem estrutural. (‘Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize’, n.d.)

O seu percurso mudou novamente quando Shigeru, vê num artigo, os modelos e planos dos projetos que o “arquiteto de papel”, John Hejduk, trabalhava naquela época, e como

este era reitor da Cooper Union's School of Architecture in New York, Ban quis de imediato ir estudar para lá. Assim, em 1977, na tentativa de entrar na universidade, viajou até à Califórnia, no entanto a Cooper Union não aceitava estudantes estrangeiros e só recebia, caso estes se transferissem de outra instituição dentro dos EUA. Com isto, Shigeru Ban começou logo à procura, e entrou no Instituto de Arquitetura do Sul da Califórnia a SCI-Arc, mesmo não sabendo falar muito bem inglês, Raymond Kappe (fundador do SCI-Arc) aceitou Ban pois ficou impressionado com os seus projetos e desenhos. Depois de três anos a estudar na SCI-Arc, em 1980, pediu transferência para a Cooper Union onde conheceu inúmeros arquitetos notáveis como o John Hejduk e o seu parceiro de escritório de Nova York, Dean Maltz. Neste percurso escolar ainda teve a oportunidade de trabalhar com o arquiteto japonês Arata Isozaki. Em 1984 recebeu, o muito esperado, diploma de arquiteto. Depois disso, acompanhou o fotógrafo Yukio Fukagawa pela Finlândia e teve a oportunidade de ver a maravilhosa arquitetura de Alvar Aalto, onde ficou impressionado com a maneira como a arquitetura destacava a importância do contexto local e dos materiais da região.

Depois desta aventura, em 1985 regressa a Tóquio para começar a trabalhar. Contudo a fase de adaptação no Japão tornou-se complicada pois o público em geral não tinha noção qual era o papel do arquiteto e as suas funções dentro da sociedade. Mesmo assim, sem nenhuma experiência profissional e sozinho, Ban projetou e organizou exposições de Emilio Ambasz, de Alvar Aalto e de Judith Turner. Na exposição de Alvar Aalto ele executou pela primeira vez as estruturas de tubos de papel. Durante a época de 1985 a 1986 ele projetou "PC Pile House," "House of Double-Roof," "Furniture House," "Curtain Wall House," "2/5 House," "Wall-Less House," e "Naked House" entre outros casos de estudo. ('Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize', n.d.)

"When I first became an architect, I was happy that I chose that profession because we are fortunate to interface with people at perhaps their proudest moment in life, to build their house and actualize their dream."⁹ (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 7)

A arquitetura humanitária começou a entrar na vida de Shigeru Ban quando este percebeu o porquê da sociedade em geral não compreender as funções da sua profissão, isto porque os arquitetos geralmente trabalhavam para as classes privilegiadas (governos, cooperações e classes ricas), não trabalhavam diretamente para as classes mais pobres,

⁹ Tradução: Quando me tornei arquiteto, fiquei feliz por ter escolhido essa profissão, porque temos a sorte de interagir com as pessoas no momento talvez mais orgulhoso da sua vida, de construir a sua casa e concretizar o seu sonho."

ao contrário dos médicos que sempre tiveram uma interação direta com o povo. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 7)

Foi nessa altura que enormes e imensas catástrofes naturais começaram por todo o mundo, principalmente os terremotos, que faziam com que as estruturas colapsassem dando origem a inúmeras vítimas, o que obrigava à criação rápida e eficaz de abrigos de emergência para acolher as pessoas que perderam tudo. Infelizmente, naquela época, os arquitetos não se encontravam na zona dos desastres, ou seja, não trabalhavam com a ajuda humanitária, mas mesmo assim, Shigeru Ban interrogava-se como os arquitetos conseguiriam ajudar as pessoas mais desfavorecidas na criação de abrigos de emergência. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, pp. 7–9)

Em 1994 deu-se a Guerra Civil Ruandesa que fez imensos refugiados. Ban ao ver um jornal semanal, reparou que as pessoas estavam cheias de frio, pois a ONU não estava com capacidade de fornecer mais abrigos. Foi nessa altura que Shigeru Ban entendeu que a arquitetura de emergência era muito importante na ajuda humanitária, pois, mesmo com ajudas médicas disponíveis, se não há uma zona onde as pessoas se consigam proteger das condições meteorológicas, de nada adiantava. Assim, empenhado a ajudar, Ban visita a sede do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) em Genebra onde conhece o arquiteto responsável pela instalação dos abrigos de emergência, Wolfgang Neumann, que ficou logo interessado com a ideia de Ban, que era utilizar tubos de papel reciclado na criação de abrigos de emergências. Foi assim, que eles o contrataram como consultor. No princípio a ideia de Shigeru Ban era proporcionar aos refugiados um ambiente de vida mais confortável, no entanto, a política da ONU não permitia, pois tinham receio que se os refugiados tivessem abrigos mais confortáveis que as próprias casas de habitação, eles não regressariam aos seus respetivos lares. Assim, criaram-se abrigos simples, de baixo custo e que pudessem ser contruídos por qualquer pessoa. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 9)

Após o sismo de Kobe a 17 de janeiro de 1995, Ban construiu a “Paper Log House” para os refugiados vietnamitas que não conseguiam ir viver para os abrigos construídos pelo governo japonês. Como estes refugiados só poderiam trabalhar em fábricas específicas, era necessário ficarem a morar perto delas. Ainda em Kobe, com ajuda de estudantes voluntários, ele contruiu a “Paper Church”, uma igreja contruída em tubos de papel para as pessoas terem um local de culto, uma vez que a antiga igreja tinha sido consumida pelo fogo depois do terremoto. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, pp. 9–11) (‘Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize’, n.d.)

Estas construções que se realizaram com a ajuda dos estudantes depois do sismo em Kobe, foram o ponto de partida para se criar a Voluntary Architects' Network (VAN), uma organização não governamental, para organizar essas atividades de ajuda humanitária às vítimas de desastres. No início, esta organização não tinha nem tempo nem os meios financeiros necessários para operar em tempo integral, contudo, isto mudou quando em 2001 Ban se tornou professor da Faculdade de Meio Ambiente e Estudos da Informação da Universidade de Keio. Isto permitiu que ele se envolvesse nas atividades da VAN como parte do seminário de pesquisa e assim realizar projetos como operações estudantis. Isto passava de ano a ano, resultando numa condição ideal no qual a ajuda humanitária e a educação se uniam para dar uma resposta mais robusta. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 11) ('Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize', n.d.)

Shigeru Ban recebeu diversos prémios ao longo de sua carreira. Em 1995, ele foi reconhecido pelo desenvolvimento da inovadora estrutura de tubo de papel, adquirindo o certificado de arquitetura permanente do Ministro da Construção do Japão. Nesse mesmo ano, ele concluiu a notável "Casa de Papel". Cinco anos mais tarde, em 2000, em parceria com o Frei Otto (arquiteto e engenheiro de estruturas alemão), Shigeru Ban construiu uma grande estrutura de casca de grade de tubo de papel para o Pavilhão do Japão na Expo de Hanover, na Alemanha. Sendo ele uma pessoa que não gosta de rótulos, e desagradou-lhe por completo ser considerado arquiteto ecológico, esse produto sensibilizou o mundo pela sua arquitetura reciclável. ('Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize', n.d.)

Em 2004, Shigeru Ban, em parceria com Jean de Gastines e Philip Gumuchdjian, venceram a competição para o Centro Pompidou-Metz. Neste projeto, e com a ajuda de estudantes japoneses e europeus, projetou e construiu um escritório temporário no terraço do Centro Pompidou, em Paris, utilizando a estrutura de tubo de papel. Após essa vitória, ele abriu um gabinete particular em Paris com Jean de Gastines. ('Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize', n.d.)

Em 2008 abdicou do cargo na Universidade de Keio e nos anos seguintes, mudou a sua base para a Universidade de Harvard como professor visitante e para a Universidade de Cornell, em 2010, mas foi em 2011 que ele se tornou professor na Universidade de Arte e Design de Kyoto. ('Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize', n.d.)

Como reconhecimento das suas atividades humanitárias, Shigeru Ban foi premiado com o grande prémio Pritzker em 2014, um dos mais prestigiosos reconhecimentos internacionais na arquitetura. Esse prémio foi atribuído devido à sua abordagem inovadora e criativa na criação de arquitetura eficiente perante as necessidades das sociedades mais vulneráveis, bem como o seu cuidado nas questões ambientais e em diálogos com governos, agências públicas, filantropia e comunidades afectadas, como afirmaram os membros do Juri do Prémio Pritker.

Recentemente recebeu o prémio Princesa das Astúrias da Concórdia 2022 pelo seu trabalho pioneiro na produção de abrigos de emergência para pessoa refugiadas e pela prática de materiais como o papel nas construções. (Fundación Princesa de Asturias, 2022)

Shigeru Ban continua ativo na criação de arquitetura, dedicando-se ao voluntariado em situações de catástrofes. Ele continua a desenvolver sistemas de materiais e estruturas, incluindo o uso de bambu laminado e estruturas de madeira sem conectores metálicos. Além disso, ele também cria móveis e arquitetura com fibra de carbono. As suas contribuições à arquitetura e ao mundo humanitário são notáveis. ('Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize', n.d.)

Com isto, conseguimos ver que Shigeru Ban é conhecido por desafiar as convenções da arquitetura ao criar soluções inovadoras e duradouras com materiais incomuns, mas bastante simples na nossa vida quotidiana, como os tubos de papel, sempre com o propósito de fornecer abrigos eficazes para pessoas que sofreram catástrofes nas suas vidas. Ele enfatiza que o tempo de uma estrutura não depende apenas dos materiais, mas também da sua utilidade e qualidade de construção. (Ballesteros et al., 2008)

O que é a arquitetura humanitária para Shigeru Ban?

No livro “Verb Crisis” de 2008, existe uma pequena entrevista feita ao arquiteto Shigeru Ban em que ele fala sobre o seu percurso pela arquitetura humanitária, esclarecendo o na primeira pessoa, as motivações e posição crítica. Nessa entrevista, Shigeru Ban aborda o facto de sentir que a arquitetura humanitária é muito mais que proporcionar abrigo às pessoas, pois esta promove a dignidade, a segurança e a qualidade de vida a todos os que se encontram em situações de desastre - sejam eles derivados por desastres naturais ou por conflitos armados - com uma abordagem prática e criativa, realizando soluções simples de contruir, acessíveis em todo o lado e para além disso, sustentáveis, pois o papel evita o desperdício e cria estruturas resistentes, capazes de terem uma duração de vida considerável pois para o arquiteto, o tempo de uma estrutura não está propriamente ligada aos materiais utilizados no processo de construção, mas sim à sua qualidade e utilidade. (Ballesteros et al., 2008)

Algo que ficou bem saliente na entrevista foi o facto de o arquiteto aconselhar e realçar a importância de termos em consideração as necessidades e preferências das pessoas afetadas, adaptando as estruturas à sua situação cultural, social e às necessidades específicas de cada caso. Ele acredita que essa é a parte mais crucial do processo de criação e construção. Shigeru Ban defende uma abordagem humanitária para a arquitetura, que envolve inovação, respeito pelo contexto cultural, foco no bem-estar das pessoas e um compromisso ativo em criar soluções arquitetónicas para quem beneficie, sejam aqueles que enfrentaram e/ou enfrentam situações de emergência e deslocamento. (Ballesteros et al., 2008)

Em resumo, Shigeru Ban vê a arquitetura humanitária como uma maneira essencial de ajudar as pessoas em situações de necessidade, e acredita que os arquitetos têm o poder de fazer a diferença ao criar estruturas que atendam às necessidades das comunidades afetadas. Ele encoraja outros arquitetos a envolverem-se em questões humanitárias e a usar as suas habilidades e conhecimentos para ajudar pessoas em situações de emergência. Ele acredita que os arquitetos têm um papel importante a desempenhar na criação de abrigos, para ajudar vítimas de desastres naturais e minorias oprimidas. (Ballesteros et al., 2008)

(A) Abordagem Arquitetónica

O papel, um material à primeira vista tão primário, é imensamente versátil e bastante utilizado em múltiplas áreas. Encontramo-lo tanto nas indústrias de papelaria como na parte da construção civil. A história deste material é bastante antiga, remonta a anos a.C. e, segundo as informações disponíveis as civilizações do Egito e do Japão foram as pioneiras na utilização do papel como material de construção. (Barros, 2021, p. 95)

Atualmente, e no ramo da arquitetura, a exploração do papel veio de Shigeru Ban, no séc. XX, quando este começou a utilizar os tubos de papel nas suas obras. No início, Ban utilizava este material para formar divisórias internas, mas não demorou muito tempo até ter a ideia de criar um sistema estrutural, com base neste material. Em 1989, propôs, com base nesta estrutura, um pavilhão expositivo para a Asia Club, mas esta solução low-tech foi recusada por não haver exames e ensaios suficientes ao comportamento dos tubos de papel em ambientes exteriores. (Siviero, 2015, p. 91)

Mais tarde, à medida que estudava o material, percebeu que este era bastante resistente, pois conseguia proteção contra a chuva e o vento, e a utilizá-lo oco, conseguia que este material tivesse resistência ao fogo e à humidade. Assim, depois de realizar bastantes testes, percebeu que os tubos de papel que ele utilizava resistiam a forças de compressão flexão capazes de serem contruídos. (Salado & Sichieri, 2006, p. 7)

Na exposição de Nagoya Design, utilizou a técnica dos tubos de papel para projetar o Paper Arbor, ou Paper Tube Structure 01. Este projeto ficou conhecido por ser a primeira construção de utilização deste material como estrutura, assim, abriu portas para a possível utilização efetiva desta técnica com este material. (Siviero, 2015, p. 91)

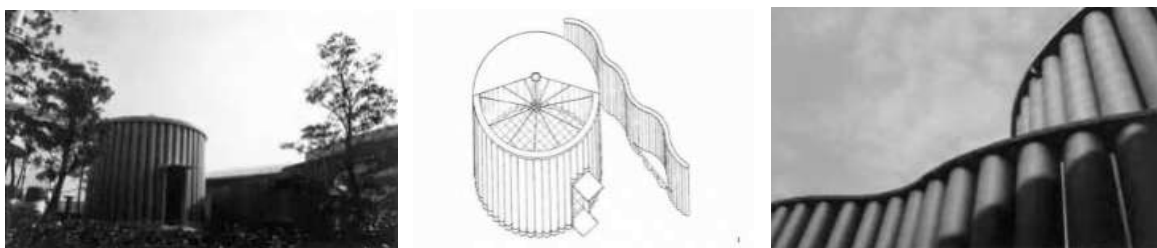


Figura 17 - Paper Tube Structure 01 (Shigeru Ban, 2009)

No final da exposição, 6 meses depois, a estrutura foi desmontada e com isto aproveitaram para realizar exames químicos aos tubos de papel. Assim, depois de analisados, as conclusões que se tiraram foi que a resistência à compressão aumentou por causa da cola utilizada, esta endureceu o que proporcionou à estrutura outra resistência capaz de ficar em contacto com o exterior. (Salado & Sichieri, 2006, p. 7)

Um ano depois, projetou Odawara Festival Main Hall ou Paper Tube Structure 02, e o Odawara Pavilion Gate ou Paper Tube Structure 03. Como o governo japonês não permitia que os tubos de papel fossem utilizados para formar estruturas, a primeira obra continha no seu interior aço, já a segunda, como era um dos portais de entrada do festival, não havia nenhuma lei que impunha a utilização dos tubos de papel em algo que não fosse edificações, e assim, a responsabilidade pela função estrutural foi principalmente confiada aos tubos de papel, que foram unidos por meio de cabos de aço. (Siviero, 2015, p. 93)

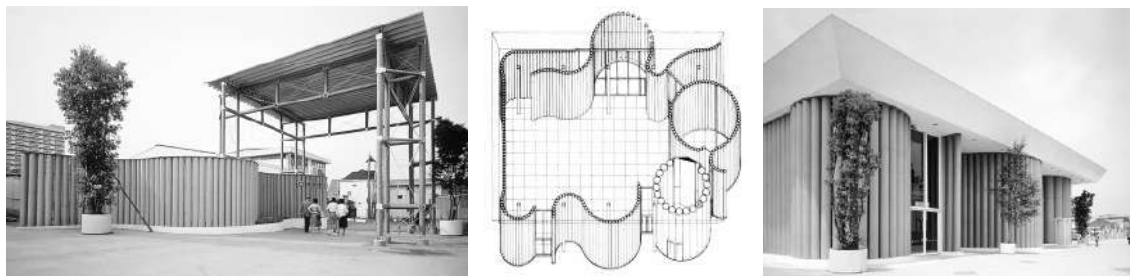


Figura 18 - Paper Tube Structure 02 e Paper Tube Structure 02 - (Repositório (Luna, n.d.)

Em 1995, depois dos testes realizados e as conclusões tiradas serem positivas, Ban projetou e construiu a que seria a primeira construção edificada permanente e legal utilizando tubos de papel com estrutura, a sua casa de campo. Ban conseguiu a autorização do governo japonês para a aplicação dos tubos de papel como material estrutural. (Salado & Sichieri, 2006, p. 8)

“I came to develop paper tubes in the 1980s more by chance than anything else. No one was talking about environmental issues in those days, but I had a strong desire to respect materials and reduce waste.”¹⁰ Shigeru Ban (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 43)

Podemos concluir que estes anos foram um salto para o desenvolvimento amplo desta técnica, quando falamos na arquitetura de papel. Ban, conseguiu demonstrar, projetar e construir com tubos de papel, e resolveu alguns problemas que estas matérias levantaram inicialmente por serem consideradas frágeis. Estes materiais são agora uma ferramenta fácil e barata de construir, especialmente quando falamos de arquitetura de emergência, onde a rapidez, os baixos custos e a eficiência são fundamentais.

¹⁰ Tradução: “Eu comecei a desenvolver tubos de papel na década de 1980 mais por acaso do que qualquer outra coisa. Nenhum um falava sobre questões ambientais naquela época, mas eu tinha um forte desejo de realizar os materiais e reduzir o desperdício”

Projetos Humanitários

Em algumas entrevistas realizadas ao arquiteto Shigeru Ban, este demonstra e explica com clareza que quando surgem os desastres, sejam naturais ou pela mão humana, os projetos de ajuda humanitária são a prioridade naquele momento.¹¹ Ao longo do seu percurso na arquitetura de emergência, podemos dividir os projetos nas seguintes categorias:

1. Trabalho de socorro de emergência em centros de evacuação

Muitas vezes, quando surgem desastres, as vítimas refugiam-se todas num centro de evacuação que são espaços amplos (ex. ginásios), e, para reduzir o stress que muitas pessoas sofrem devido à falta de privacidade que existe em abrigos compartilhados, Ban projeta com os tubos de papel sistemas de divisórias para assim tentar dar mais privacidade a cada família. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 67)

Paper Partition System 1

No terramoto de Niigata em 2004, Ban projetou sistemas de divisórias de placas de favo de mel de papel que foram usadas para pisos e paredes, já a estrutura do telhado era feita de tubos de papel quadrados. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 69)



Figura 19 - Paper Partition System 1 - Imagens retiradas do livro *Voluntary Architects' Network* pág. 68 e 70

¹¹ (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 67)

Paper Partition System 2

No terremoto de Fukuoka em 2005, Ban optou por utilizar folhas de papelão simples, nos primeiros tempos o papel foi utilizado para cobrir o chão de modo a criar espaços entre as famílias, depois quando a população diminuiu o papel foi usado para se criar divisórias. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 73)

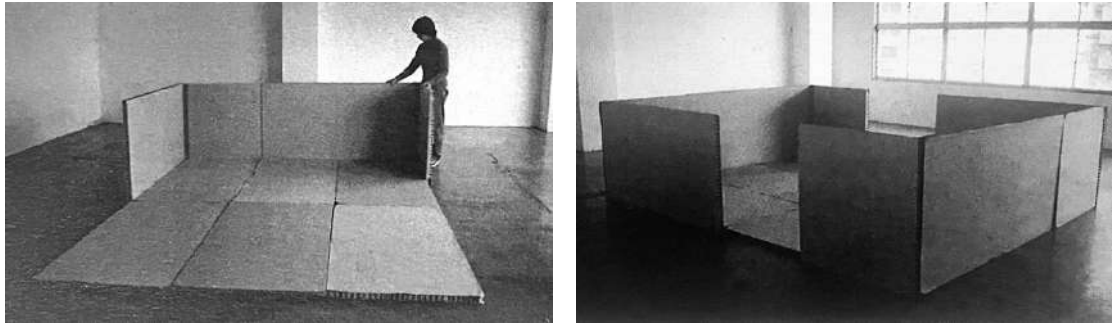


Figura 20 - Paper Partition System 2 – Imagens retiradas do livro *Voluntary Architects' Network* pág. 73

Paper Partition System 3

Depois de realizado o projeto com o Paper Partition System 1, que era composto por placas de favo de mel, Ban projetou Paper Partition System 3. É impossível prever os efeitos que as catástrofes originam e quais as necessidades, assim, é necessário um sistema que seja rápido eficaz e barato: estas três palavras foram a prioridade no desenvolvimento deste novo sistema. Este é formado por uma estrutura de viga (tubos de papel) de suporte com pano branco para as divisões. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 75)

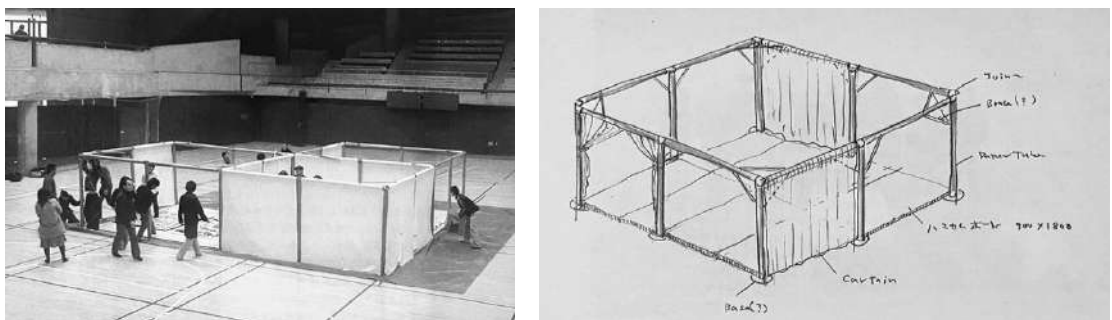


Figura 21 - Paper Partition System 3 – Imagens retiradas do livro *Voluntary Architects' Network* pág. 74 e 77

2. Fornecimento de habitação temporária:

Paper Emergency Shelter UNHCR – Ruanda (1999)

Quando se sucedeu o genocídio em Ruanda, Shigeru Ban aplicou a sua técnica inovadora, as estruturas temporárias construídas com tubos de papelão proporcionaram abrigo para pessoas que sofreram deslocamento devido a conflitos e instabilidades na região. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 124)

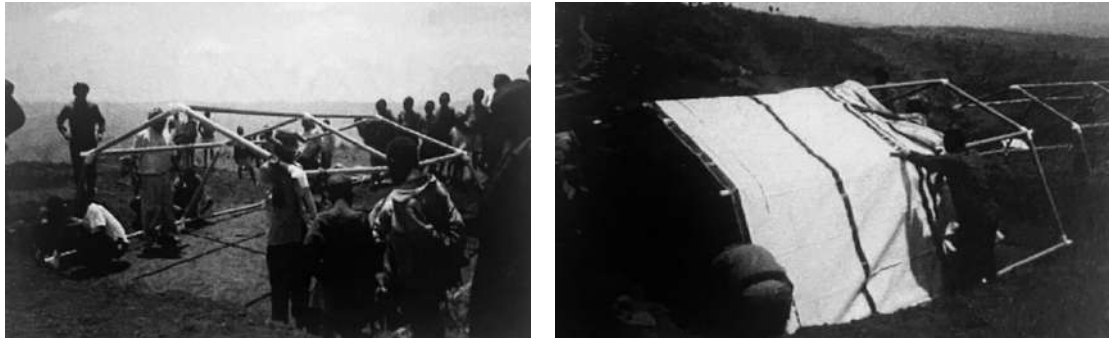


Figura 22 - Montagem dos abrigos – Imagens retiradas do livro *Voluntary Architects' Network* pág. 125

Paper Log House – Kobe (1995)

Após o devastador terremoto de Kobe, em 1995, muitas pessoas ficaram sem as suas casas, assim, um abrigo barato, que qualquer pessoa conseguisse construir, com algum isolamento e que fosse fácil de desmontar e reciclar depois, foram os requisitos necessários para a construção da solução que Ban projetou. A solução era idêntica a uma cabana de madeira em que o chão desta foi construído usando caixas de cerveja cheias de areia, as paredes foram feitas com tubos de papel e os telhados eram contruídos com membranas de tendas. (Ban & Keio University SFC Ban Laboratory, 2010, p. 126)

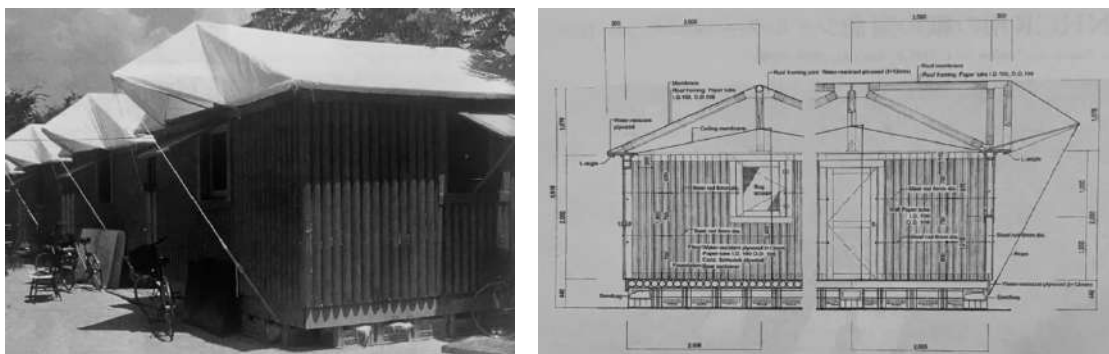


Figura 23 - Paper Log House – Imagens retiradas do livro *Voluntary Architects' Network* pág. 125 e 126

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

A prática de Shigeru Ban revela-nos por um lado a importância de explorar materiais menos convencionais, mas por outro lado, faz-nos questionar a utilização de materiais fora dos contextos locais e que são levados para os locais da catástrofe. No entanto há questões importantíssimas na prática deste arquiteto e relaciona-se especialmente com o cuidado e atenção que defende face às considerações das necessidades e preferências das pessoas afetadas, adaptando as estruturas à sua situação cultural, social e às necessidades específicas de cada caso. Este cuidado e atenção revela-se essencial no processo de construção, acolhimento e integração como desenvolveremos no estudo de caso referente ao Alojamento Urgente e Temporário no Fundão.

4.2 Países Desenvolvidos

Europa_ Desafios e Perspetivas

“o que aconteceu não pode ser desfeito, mas podemos impedir que volte a acontecer”

Anne Frank (1929-1945)

Ao longo das últimas décadas, temos testemunhado um aumento significativo no número de refugiados e no volume global da migração. A Europa, na primeira metade do séc. XX foi um autêntico laboratório de renovação devido às constantes políticas que existiam. Para além disso, o fluxo migratório que estava a existir naquela época implicou uma intervenção dos agentes políticos que deu origem às renovações do estatuto de refugiados e à adoção da convenção de Genebra de 1951, que continua a ser um instrumento no acolhimento de refugiados na Europa. (Humbert, 2020)

Com o passar dos anos conseguimos visualizar, de forma diretamente proporcional, um aumento crescente desses movimentos populacionais que transcendem fronteiras. De facto, estamos perante pessoas que são forçadas a deixar o seu país e procuram melhores condições de vida no solo europeu. A Europa, mesmo sendo o segundo continente mais pequeno do mundo, devido à segurança que proporciona, oportunidades de emprego, melhores condições de vida, estabilidade democrática e padrões de vida relativamente elevados, tornou-se, segundo alguns autores um polo de atração para os migrantes, alguns dos quais sofreram um deslocamento forçado e são oriundos de países envolvidos em diversos conflitos armados. Contudo este movimento está a gerar uma crise que testa a competência da gestão social, legal, económica e securitário da união europeia. (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 153,154)

Estes fluxos migratórios que existem, infelizmente não são acontecimentos recentes na história do nosso mundo, as vagas de refugiados sejam de forma voluntária ou involuntária, é das questões mais importantes e cruciais do nosso tempo. Gil Loescher sublinha que os movimentos em massa sempre fizeram parte da nossa história. (Loescher, 2001). O continente europeu deparou-se com grandes fenómenos migratórios ao longo do tempo, com as duas grandes guerras que existiram, os governos ditatoriais que prevaleceram durante anos e estão a voltar a surgir, a crise de 2015 e os atuais confrontos entre países. (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 156)

Estas vagas de refugiados resultam devido a guerras civis que muitas vezes têm as suas raízes em ideias imprudentes e prejudiciais que atravessam a sociedade. Os fatores religiosos, políticos, étnicos ou econômicos, podem conduzir a tensões sociais e confrontos que, desencadeiam conflitos armados. Os cenários de conflito comprometem a vida e os direitos principais das minorias oprimidas que são forçadas a procurar uma melhor condição de vida, muitas vezes fora do seu país. (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 158)

Em 2015, a Europa lidou com o mais complexo fluxo migratório desde a Segunda Guerra Mundial, com centenas de milhares de pessoas a procurar abrigo no continente. Nos primeiros meses desse ano houve um aumento significativo no fluxo de refugiados que chegavam à Europa por terra e por mar, mas principalmente através do Mar Mediterrâneo. Segundo o ACNUR, 972.500 pessoas atravessaram o Mar Mediterrâneo e segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM) mais de 34.000 vieram por terra, atravessando a Turquia para a Bulgária e Grécia. (ACNUR, 2015)

Com este fluxo migratório a aumentar rapidamente, e a originar inúmeras mortes, os governos foram forçados a intervir, tanto nos países oriundos dos refugiados (Síria ou Afeganistão) como dos países recetores dos mesmos (Itália e Grécia). Esta situação teve como principais fatores os conflitos armados, as violações dos direitos humanos, a fome, o desespero, entre outras. Devido à escala que obteve, foi inicialmente chamada de "crise dos refugiados", porém logo se tornou uma crise das estruturas europeias pois, a Europa estava desarticulada na forma de lidar eficazmente com este fluxo em massa. (Nolasco & Lechner, 2017, p. 2) (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 162,163)

Um dos temas que foi encarado como um dos principais e colocado na agenda política foi o assunto dedicado à imigração ilegal. Sabemos que as travessias ilegais anteriormente utilizadas maioritariamente por elementos isolados, do sexo masculino, tem vindo a serem utilizadas por famílias inteiras, o desespero levou a que as pessoas se sujeitem a um risco maior. Estas embarcações e travessias ilegais levam a que haja um conjunto de situações que vão desde as condições de tratamento desumanas ao próprio tráfico humano. (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 164)

William Lacy Swing, Diretor Geral da OIM, referiu que quase 4.000 pessoas em 2015 foram dadas como desaparecidas ou como afogadas. William Swing acrescentou e reforçou que era necessário agir pois "a migração deve ser legal e segura para todos,

tanto para os próprios migrantes como para os países que se tornarão seu novo lar”. (ACNUR, 2015)

Segundo os dados do ACNUR, a uma escala global o número de refugiados, comparado com o ano de 2014, cresceu em 2015 chegando a 1.392.610 oriundos de vários países como a Síria, Etiópia, Nigéria, Sudão, Eritreia, Gana, Somália, Egito, Tunísia, Líbia e Afeganistão. Os sírios representam metade das pessoas que cruzaram o mar mediterrâneo. Depois desta onda intensiva e caótica, a resposta da europa começou a ficar mais controlada e coordenada. Com a ajuda da ACNUR mais de 600 funcionários espalharam-se por 20 locais para ajudar principalmente os refugiados (ACNUR, 2015) (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 162,163)

“À medida que os sentimentos xenofónicos crescem em algumas áreas, é importante reconhecer as contribuições positivas que refugiados e migrantes fazem às sociedades em que vivem e também aos valores europeus fundamentais: protegendo vidas, defendendo os direitos humanos e promovendo a tolerância e a diversidade” António Guterres (ACNUR, 2015)

Sabemos que naquela data a união europeia estava com fluxo migratório muito intensivo, e não tinha previsão de data de término, isto trata-se de um fenómeno complexo e continuo que envolve questões políticas, económicas e humanitárias. O trabalho de receção aos refugiados ainda tem muitos assuntos que é necessário debater, principalmente em relação ao papel dos países europeus que se foram demonstrando, durante estes anos, uma resistência ao acolhimento dos refugiados. (ACNUR, 2015) (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 164)

A invasão russa na Ucrânia alterou a perspetiva de visão e provocou uma mudança bastante importante na entrada de refugiados no continente europeu. Muitos países que tinham políticas anti-imigração neste momento estão a acolher os refugiados ucranianos, mesmo sendo por motivos de proximidade, é de louvar esta mudança que foi totalmente diferente em comparação à crise de 2015. Aqui a União europeia juntamente com a Comissão tem agido em conjunto para conseguir contornar esta fluxo de refugiados. (Monteiro, 2022)

É importante referir que esta vaga de refugiados é na sua maioria famílias inteiras, principalmente mulheres e crianças, que se deslocam na tentativa de fugir e procurar melhores condições de vida, logo o seu acolhimento tem de ser consciente e apropriado. No decorrer de 2021, o sexo feminino (não incluindo crianças) constituíam 49% de

pessoas deslocadas à força, enquanto as crianças (rapazes e raparigas) representavam 41%. Aproximadamente 90% dos refugiados oriundos da Ucrânia são mulheres e crianças, e como em todo o mundo, infelizmente mais propícias e sujeitas a um elevado risco de violência e abusos, incluindo o tráfico de seres humanos. (Vaikla & Vöhringer, 2022, p. 9)

Esta ação é vista como "flagrantemente diferente" quando comparada com as crises anteriores, especialmente em relação à crise síria e por causa disso os países europeus têm sido criticados pela falta de solidariedade e vontade política em crises passadas, destacando a importância da cooperação internacional e da resposta humanitária a longo prazo. (Monteiro, 2022)

Gil Loescher questiona-se como o ACNUR poderá melhorar a situação dos refugiados enquanto cada Estado tiver a última palavra. (Loescher, 2001) É importante lembrar, como vimos anteriormente no ponto 4.1, que apesar de a União Europeia se reger pela mesma Convenção (Convenção de Genebra de 1951), cada país faz a adaptação dessa Convenção conforme os interesses do próprio Estado e é por isso que vemos diferentes formas de acolher nos vários países da Europa, principalmente nos países que são periféricos e são aqueles que recebem muitos mais movimentos porque são pontos de entrada.

Nos direitos dos refugiados encontra-se o conceito de non-refoulement. Este conceito faz com que o país que oferece asilo tem de garantir que o refugiado não será enviado de volta para o mesmo cenário de terror do qual fugiu, a não ser que esse cenário já tenha acabado e os problemas estejam resolvidos. Contudo, há normas perante a aceitação dos refugiados nos países de acolhimento. Por exemplo, se os refugiados chegarem a um Estado por via marítima, esse mesmo Estado pode proibir o seu desembarque. Caso cheguem por via terrestre, nos países da união europeia, o país de chegada pode não ser o país de acolhimento, isto acontece porque a maioria dos refugiados chegavam à Grécia e à Itália devido à sua posição geográfica e estratégica, e assim a união europeia adotou este procedimento de forma que os refugiados fossem depois distribuídos pelos outros países pertencentes da UE. (B. F. Costa & Teles, 2019, p. 161)

Durante os anos de 2015 até 2023, houve momentos em que a intensidade de fluxo de refugiados diminuiu devido principalmente às mudanças políticas de cada país, um exemplo deste acontecimento é a Itália, onde primeiro tínhamos uma posição muito mais aberta de integração nas várias cidades pelo país: por exemplo, desde 1998 os refugiados que fugiam dos seus países e eram acolhidos pelo governo italiano eram repostos nas

idades no sul do país que eram maioritariamente formadas por população envelhecida e por causa disso muitos serviços básicos estavam sob ameaça. Com a chegada dos refugiados a essas cidades, tanto eles como a cidade ganhavam outra vida. (N.I, 2017)

A ilha de Lampedusa sendo um ponto estratégico no mar mediterrâneo, serve para os refugiados esperarem para receberem a autorização para serem repostos ou não. A opção que se utilizava em 2015 de integrar os refugiados nas cidades mais desertas ficou um pouco abandonada. Agora as políticas mudaram e o país está a adotar medidas mais severas reduzindo os direitos dos migrantes e dificultando as missões de resgate no mar mediterrâneo. (Welle, 2023) Percebemos também que esta mudança se articula com a posição do partido político actualmente no poder.

Outro país europeu que mudou as suas políticas em relação ao acolhimento de refugiados foi a Alemanha que durante a crise de 2015 desempenhou um papel significativo em relação ao acolhimento. Nesse ano a Alemanha adotou a política de "Willkommenskultur" (cultura de boas-vindas) e abriu as suas fronteiras a um grande número de refugiados que estavam a fugir das guerras civis. (Carbonaro, 2023)

Devido ao fluxo de migração nos anos seguintes a 2015 a Alemanha começou a adotar medidas para reduzir o fluxo de migrantes: uma das medidas é descomplicar as deportações de refugiados aos países de origem. Apesar disso, a Alemanha continuou a desempenhar um papel ativo no acolhimento e integração de refugiados, embora numa escala muito menor do que em 2015. (Carbonaro, 2023)

As cidades sempre desempenharam um papel fundamental no acolhimento de refugiados, devido ao desenvolvimento cultural, económico e social, mas a Europa está a sofrer um revés nesta questão do acolhimento e os refugiados que antes eram repostos nas cidades, agora ficam frequentemente presos num limbo legal e político. Isto é evidenciado pelo endurecimento das regras de acolhimento e pela facilitação da deportação de estrangeiros que não têm permissão para permanecer no país, conforme mencionado na reforma da política de asilo e migração da União Europeia. Além disso, a capacidade limitada dos centros de receção na Europa, juntamente com o grande número de pedidos de asilo, sugere que os refugiados podem enfrentar dificuldades em obter proteção e encontrar soluções para a sua situação. (Caetano, 2023)

Neste momento está previsto um aumento da população deslocada e apátrida no espaço europeu para 2024, aumento esse correspondente a 2%, alcançando assim os 24,9 milhões de pessoas. O aumento escalar destes números, é a guerra entre a Ucrânia e

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

Rússia que desde a agressão, em fevereiro de 2022, a Europa recebeu o maior número de pessoas, desde a Segunda Guerra Mundial, e prevê-se que em 2024 existam 5,8 milhões de refugiados e mais de 3,7 milhões de deslocados internos dentro da região ucraniana. (UNHCR, n.d.) Este tema apresenta-se por isso extremamente pertinente de estudar e de analisar pelas diversas áreas do conhecimento, o que nos leva ao nosso estudo de caso – o Fundão, em Portugal – como modelo diferenciador no acolhimento e integração de refugiados, bem como da gestão do seu alojamento.

Portugal

- Um Possível Abrigo de Futuro? -

“Que mundo é este em que é preciso ser louco para fazer o que é certo?”

Aristides de Sousa Mendes (1885 - 1954)

Segundo os dados apresentados em inúmeros estudos, nomeadamente do Conselho Europeu para os Refugiados, Portugal, nestes últimos anos tem sido um exemplo de integração e acolhimento de refugiados. Num mundo marcado por conflitos armados, deslocações forçadas, como explorámos nos capítulos anteriores, e numa Europa a sofrer uma reviravolta, este país lusitano tem-se destacado oferecendo esperança àqueles que fogem da guerra da perseguição e da privatização dos seus direitos. Acreditamos que muita gente concorda com a posição de que o processo de acolhimento de refugiados é muito mais do que uma questão política. É uma manifestação dos valores humanitários da solidariedade e do respeito que cada um tem pelos direitos Humanos.

O processo do acolhimento de refugiados em Portugal, tem como objetivo garantir o bem-estar, a integração, e a autonomia das pessoas refugiadas que chegam ao país. Não é por acaso que Portugal está entre os poucos países da União Europeia que “consagra o direito de asilo como direito fundamental na respetiva Constituição”. (Teles, 2018, p. 94)

Antes de 1974, a história de Portugal em relação à receção de refugiados é limitada. Sabe-se que o maior fluxo de refugiados que existiu deu-se no período da Segunda Guerra Mundial, mas este deslocamento foi de carácter temporário e não permanente. Contudo, após 1974 com a queda do Estado Novo, houve um desenvolvimento significativo no regime de asilo. Após a Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974, que derrubou o regime autoritário do Estado Novo, Portugal passou por mudanças políticas, sociais e económicas significativas. Um dos aspectos importantes desse período de transição foi o desenvolvimento do regime de asilo e a recepção de um grande fluxo de retornados e das suas famílias provenientes das antigas colónias portuguesas em África, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Mais tarde, com a entrada para a CEE, este desenvolvimento deu-se por causa da conformidade da política interna, mas principalmente devido à União Europeia que estabeleceu normas comuns para lidar com questões de asilo de imigração em toda a UE. (Teles, 2018, p. 94)

Para percebermos melhor como são realizados os acolhimentos e a integração dos refugiados em Portugal, parece-nos importante esquematizar quais as organizações que foram e que são responsáveis por este propósito:

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) - (1986 - 29 de outubro de 2023)

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras foi uma organização que pertencia ao Ministério da Administração Interna (MAI) como um serviço de segurança. O SEF tinha como

objetivo ser a primeira entidade na linha da frente no acolhimento: era o responsável pelo controlo das fronteiras, supervisionava a presença dos estrangeiros no país, combatia a criminalidade relacionada com a imigração ilegal e tráfico de seres humano, era responsável por toda a documentação que isto implicava, e para além disso era o responsável por decidir a aceitação de proteção internacional. (SEF, n.d.)

Alto Comissariado para as Migrações (ACM) - (2007 - 29 de outubro de 2023)

O Alto Comissariado para as Migrações sendo uma organização pública, tinha como foco propor políticas relacionadas com a migração. O seu principal objetivo era abordar os desafios enfrentados pelos migrantes e promover e supervisionar a integração deles na sociedade com ajuda de programas de inclusão e antidiscriminação. (ACM, n.d.)

Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR)

A Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR) foi fundada em Setembro de 2015 pelo Instituto Padre António Vieira (IPAV). Esta plataforma tem como objetivo fazer com que todas as instituições pudessem participar na integração dos refugiados e apoiar esta mesma causa através de um modelo colaborativo. Intervém em fulcros: (Rodrigues, 2017, p. 22,23)

“PAR - Famílias - projeto de acolhimento e de integração de famílias refugiadas;”

“PAR - Sensibilização - que engloba ações de sensibilização, ações de formação, Integração de Pessoas Refugiadas em Portugal”

“PAR - Linha da Frente - apoio paralelamente prestado aos projetos da Caritas e da JRS (Jesuit Refugee Service), já presentes no terreno, no Líbano e na Grécia.”

Conselho português para os Refugiados (CPR)

O Conselho português para os Refugiados é uma organização não governamental criado em 1991, que tem sido um posto crucial para a defesa e para a melhoria do direito de asilo em Portugal. O seu objetivo é “promover uma política de asilo mais humana e liberal, a nível nacional e internacional”. (Teles, 2018, p. 94)

Desde 1998 que o CPR é o principal representante da ACNUR em Portugal, e no ano de 2021 já tinha ajudado e apoiado cerca de 14.000 requerentes de asilo e refugiados. O seu apoio consiste em várias etapas, desde o desenvolvimento de programas especializados para atender às necessidades legais, sociais e de integração, à criação de três centros

de acolhimento em Portugal. Foi esta organização a pioneira no ensino do português como língua estrangeira e alfabetização que é uma das grandes barreiras que os refugiados sentem no nosso país. (CPR, 2021)

Cruz Vermelha Portuguesa

A Cruz Vermelha portuguesa é uma organização de carácter voluntário que tem como objetivo prestar ajuda humanitária e social. Esta instituição tem bastantes programas ao seu serviço, e um deles é recolocação dos refugiados. A Cruz Vermelha diferencia-se das outras organizações de recolocação pois esta acolhe principalmente indivíduos que vieram sozinhos que são da maioritariamente do sexo masculino. (Rodrigues, 2017)



Figura 24 - Imagem reescrita pela autora tendo como referência a imagem da dissertação de Alexandra Rodrigues (Rodrigues, 2017, p. 21)

Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) - (desde 29 de Outubro de 2023)

Agência para a Integração, Migrações e Asilo veio a substituir a antiga SEF assumindo diversas funções da mesma. Para além disso, também integrou no seu programa algumas responsabilidades que pertenciam ao ACM. Neste momento esta nova organização é responsável pela gestão de assuntos que estão relacionados com a migração em Portugal. De uma forma mais detalhada a sua responsabilidade inclui regularizar as entradas e permanência dos que solicitam asilo, gerir os programas que reinstalam os refugiados em Portugal, combater o racismo e a discriminação e também atribuem ou não a autorização de residência. As fronteiras de Portugal, as marítimas, as terrestres e as aéreas são supervisionadas pelas entidades competentes, a Polícia de Segurança Pública (PSP) e a Guarda Nacional Republicana (GNR), já Polícia Judiciária (PJ) ficará responsável por todos os casos criminosos relacionados aos refugiados, combatendo a imigração ilegal como o tráfico de pessoas. (Governo da República Portuguesa, 2023)

5.1 Antes de 29 de Outubro de 2023

Devido à falta de informação que existe nos procedimentos da nova agência, AIMA, acredita-se que o processo seja realizado no âmbito do que o SEF já fazia, mudando só as entidades responsáveis por cada setor. Por isso convém entender como é que era realizado este acolhimento de refugiados em Portugal.

Dentro do contexto do pedido de proteção internacional, os refugiados têm duas opções de iniciar o processo de solicitação de acolhimento em Portugal. Uma delas é por meio do pedido espontâneo, onde o próprio requerente de asilo faz autonomamente o pedido de proteção internacional. A outra é através do Programa de Recolocação, no qual os procedimentos são conduzidos pelas entidades responsáveis desse processo, como o SEF, ACM, organizações intermediárias e instituições de acolhimento locais. (Teles, 2018, p. 97)

O processo de pedidos de asilo espontâneos é composto por duas fases: a primeira pela admissibilidade do pedido de asilo e a segunda pela atribuição do estatuto de refugiado ou de proteção subsidiária.

Na primeira fase, para admissibilidade do pedido de asilo, o indivíduo deve pedir abrigo às autoridades do país. Nesta fase o requerente tem de justificar a perseguição que está a ser alvo seja ela por motivos religiosos políticos ou de nacionalidades. É nesta fase que o SEF atuava na avaliação deste pedido por indivíduo. Enquanto está a ser avaliada a situação do pessoal de cada indivíduo, eles recebem uma declaração que permite ao requerente permanecer no país até que a decisão seja atribuída. Caso o pedido seja recusado, os indivíduos têm possibilidade de pedir outra análise. A decisão final sobre o pedido de asilo é da responsabilidade do SEF, e se positiva, os requerentes recebem uma autorização de residência provisória ou por razões humanitárias. (Teles, 2018, pp. 97–100)

A segunda fase, atribuição do estatuto de refugiado ou de proteção subsidiária, é composta por um conjunto de processos que tem várias etapas. Depois de elaborado uma proposta na aprovação ou não do estatuto de proteção internacional, é dado ao requerente a oportunidade de se pronunciar sobre ela, e é a partir daí que essa proposta é enviada ao diretor nacional. Depois da revisão o requerente é notificado se foi aprovado, caso seja, recebe uma autorização de residência, mas caso seja recusado, o requerente poderá apresentar um novo pedido, contudo este pedido tem de ser com novos elementos. (Teles, 2018, pp. 100–104)

O plano de recolocação europeu tem várias etapas: a primeira delas é a seleção e recolocação. Este processo começa nos países que são os que têm mais afluência de refugiados devido ao seu ponto geográfico, a Grécia e a Itália, aqui os membros do antigo SEF entrevistam os refugiados que serão recolocados em Portugal depois as instituições não governamentais, mais propriamente a CPR e a Cruz Vermelha, trabalham para encontrar as melhores condições de acolhimento para as famílias que são selecionadas. A segunda fase é composta pela chegada e pelo contrato de acolhimento. Após a chegada a Portugal os refugiados são recebidos e levados para o local onde ficarão alojados durante o processo de reconhecimento do status de refugiado. Depois os refugiados recolocados são acolhidos nos centros do CPR de acordo com a lei de asilo. Este acolhimento tem como objetivo principal proporcionar às pessoas as condições necessárias para então estabilizar as suas vidas, desde apoio jurídico, psicológico, social entre outros. (Teles, 2018, pp. 100–104)

Portugal até ao momento tem vindo a participar ativamente no processo de soluções duradouras como no caso das recolocações de refugiados. Durante todo o processo tanto o governo como as organizações não governamentais e claro o antigo SEF, trabalham em conjunto para tentar integrar de uma forma adequada os refugiados em Portugal. Contudo, como em todo o lado existem desafios significativos, a falta de procedimentos, as burocracias que existem, são algumas lacunas que devem ser contornadas. O facto dos refugiados não terem muito apoio depois de serem aprovados e terem então o estatuto de refugiado, faz com que os direitos deles sejam muitas vezes postos em causa, pois mesmo estando previsto na lei a efetivação desses direitos nem sempre é garantido na prática, exigindo ao refugiado uma persistência contínua. (Teles, 2018, pp. 100–104)

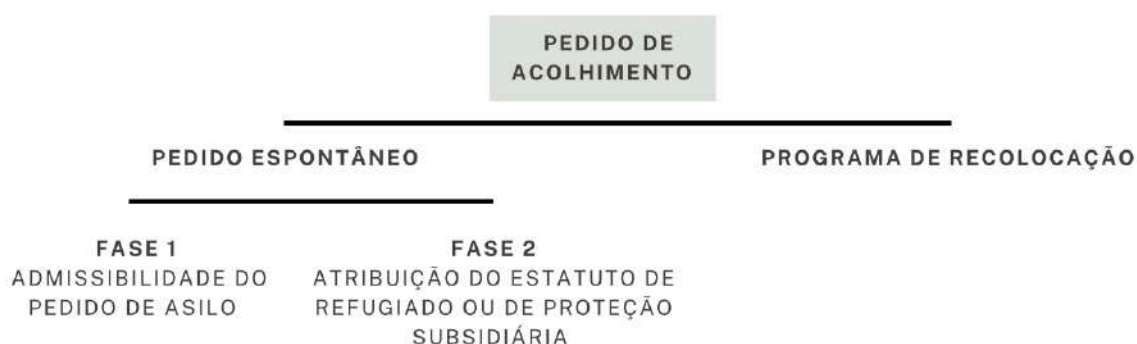


Figura 25 - Esquema explicativo dos tipos de Pedidos de Acolhimento (feito pela autora)

5.2 Plano de Recuperação e Resiliência

Para mitigar o impacto socioeconómico, que foi fruto da pandemia, nas economias europeias, o Conselho Europeu criou um instrumento comunitário estratégico de recuperação (Next Generation EU). A partir deste instrumento desenvolveu-se o Mecanismo de Recuperação e Resiliência, que é um programa de assistência financeira que financia os planos de recuperação e resiliência (PRR) das Nações integrantes. Esta contribuição com prazo até 2026, visa a concretização de mudanças e a aplicação de recursos em conformidade com as metas da União Europeia e com as diretrizes específicas de cada país, derivadas destas. (PRR, n.d.-a)

O programa do PRR nacional, tem como finalidade recuperar o desenvolvimento económico e para isso fornece bases para promover uma série de reformas e investimentos, fortalecendo o propósito de convergência com a Europa nos próximos anos, e sendo, nesse sentido, estruturado em torno de três dimensões fundamentais: a Resiliência, a Transição Climática e a Transição Digital. Na parte da Resiliência, foram identificados nove elementos direcionados para fortalecer a capacidade de resistência social, económica e territorial do país, e dentro destes conjuntos temos a questão da habitação. (PRR, n.d.-a)

A Habitação (C2) tem como objetivo abordar as necessidades estruturais e transitórias no setor habitacional, revitalizando as políticas habitacionais em Portugal, garantindo habitação para todos, com o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) encarregue de direcionar os investimentos nos programas de Apoio ao Acesso à Habitação, **a Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário** e do Parque Público de Habitação a Custos Acessíveis. (PRR, n.d.-a). E à BNAUT pelas suas características e adopções no plano estratégico do município do Fundão, que dedicamos de seguida especial atenção.

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

Capítulo 6
06

Estudo de caso: Fundão, cidade de Acolhimento

A cidade do Fundão tem como lema "Cidade de Acolhimento" e está comprometida com a construção de diversas habitações de emergência, adaptadas para atender ao fluxo de migrantes e refugiados. A iniciativa exemplar "Integração de Migrantes no Fundão", implementada pela Câmara Municipal local, foi apresentada numa conferência pelo Observatório Autárquico da Universidade Católica Portuguesa. Depois de ouvir as opiniões de Paulo Fernandes, Presidente da Câmara Municipal do Fundão e de Filipa Batista, Coordenadora do Centro para as Migrações do Fundão e do Gabinete para a Inclusão e Diversidade Cultural, foi possível esquematizar sobre o desenvolvimento do Fundão como Cidade de Acolhimento e perceber porque este município se apresenta como um verdadeiro estudo de caso.

A primeira prioridade e linha de desenvolvimento estratégico do concelho, é a sua posição como Terra de Acolhimento. Este posicionamento é fundamentado nos três grandes desafios atuais: o climático, o digital/global das linhas de competitividade e o demográfico. No contexto do Fundão, cidade do interior, o desafio demográfico é particularmente significativo, caracterizado pela demografia em declínio. A escassez de mão de obra, especialmente nos padrões menos qualificados, representa uma crise generalizada no país, tornando a migração uma necessidade para a substituição da população envelhecida. (Integração de Migrantes no Fundão | CESOP Local, 2021) Percebemos neste ponto que ao contrário do que aconteceu em muitos pontos da Europa, inicialmente comprometidos com esta estratégia (ver ponto 4.2) o Fundão abraçou-a com foco no longo prazo e de forma holística, como veremos de seguida.

Inspirado pela visão de Miguel Torga de que "qualquer sítio é um universo sem as paredes", o Fundão adota uma atitude aberta ao mundo para impulsionar o desenvolvimento local e nacional. Sempre houve reconhecimento pelo município em relação ao acolhimento de refugiados, implementando soluções inovadoras, como o acolhimento de trabalhadores migrantes sazonais. Esta estratégia gerou melhorias significativas nos saldos migratórios, com um aumento notável na população estrangeira, que em 2021 alcançava 1.300 pessoas, representando um crescimento de aproximadamente 38% ao ano. (Integração de Migrantes no Fundão | CESOP Local, 2021)

A integração eficaz desses migrantes nas comunidades não só previne conflitos e xenofobia, mas também promove uma sociedade mais acolhedora e benéfica para todos, alinhando-se com os desafios demográficos enfrentados não apenas em Portugal, mas também em toda a Europa. Desta forma, a migração é vista não apenas como uma necessidade/obrigação, mas ainda como uma grande oportunidade para o país e para o Fundão, que continua em busca de novas ideias e formas de receber mais pessoas e famílias. Na análise do acolhimento e integração de migrantes no Fundão, é essencial ressaltar a diversidade e a identidade única do centro para as migrações. Este espaço representa uma casa acolhedora para pessoas de diferentes nacionalidades, cada uma com motivações e trajetórias de vida distintas, que chegam ao Fundão à procura de novas oportunidades. (Integração de Migrantes no Fundão | CESOP Local, 2021)

Desde 2016, o Fundão tem fornecido abrigo e apoio a trabalhadores temporários, estudantes e refugiados, graças à realização do centro para as migrações em parceria com entidades locais e governamentais. O centro é gerido de forma multidisciplinar para garantir uma abordagem completa, que inclui desde as necessidades básicas de alojamento e alimentação até à integração linguística, educacional e profissional. Os resultados evidenciam o progresso significativo na integração dos migrantes, demonstrando os resultados dos esforços empreendidos. (Integração de Migrantes no Fundão | CESOP Local, 2021)

Além disso, o Fundão não se limita apenas a acolher migrantes em busca de trabalho sazonal. Projetos como o "Casa F" e o "Fundão Gaia", demonstram o compromisso constante da comunidade em promover a inclusão dos migrantes, além de fortalecer a ligação entre os diferentes grupos étnicos e a população local. O Fundão é verdadeiramente uma terra de acolhimento, onde a diversidade é celebrada e os migrantes são recebidos com respeito e solidariedade. Os projetos inovadores e parcerias colaborativas garantem que todos os que chegam ao Fundão encontrem não apenas abrigo, mas também oportunidades para construir uma vida digna e próspera na sua nova casa. (Integração de Migrantes no Fundão | CESOP Local, 2021)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

No seguimento desta estratégia e tendo como objetivo explorar, mesmo que de forma especulativa e em ambiente académico, uma proposta para a construção de 16 fogos na BNAUT, integrou-se por um lado o cuidado revelado pelas melhores práticas da arquitetura humanitária, na consideração das necessidades e preferências das pessoas afetadas, tentando adaptar as estruturas à sua situação cultural, social e às necessidades específicas de cada caso (ver ponto 4.1) e por outro lado, promover a reabilitação do património arquitetónico contribuindo para refuncionalizar os centros históricos, mas respeitando a história e cultura do lugar que acolhe. Neste sentido, e para informar o estudo de caso onde propomos um estudo prévio para 16 fogos, estudamos a casa popular do Fundão e as suas características através do Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal, zona 3 – Beiras conduzida por Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato, cruzando com bibliografia direta de análise, sistematizando elementos úteis ao entendimento do alçado de rua e do conjunto urbano no centro histórico.

6.1 Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário

Como referido no ponto 5.2., o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), identifica nove elementos direcionados para fortalecer a capacidade de resistência social, económica e territorial do país, e dentro destes conjuntos temos a questão da habitação. (PRR, n.d.-a). É dentro do pilar da Habitação (C2) que encontramos a **Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário**. Pelas suas características e adopções no plano estratégico do município do Fundão, que dedicamos de seguida especial atenção.

A bolsa nacional de alojamento urgente e temporário (BNAUT), tem como objetivo conseguir proporcionar respostas sejam elas de emergência, temporárias ou de transição para indivíduos desprotegidos. O alojamento de emergência visa dar resposta a pessoas que sofreram circunstâncias extraordinárias ou inesperadas, ou estão em situações de perigo imediato. Já o alojamento temporário ou transitório visa dar resposta a situações que, devido às suas características específicas, requerem suporte habitacional e acompanhamento antes de serem conduzidas para uma solução residencial permanente. Tanto o alojamento de emergência como o temporário, tem nas suas premissas a “inclusão social, proteção e autonomização, o combate às desigualdades e a garantia de uma adequada proteção social face a situações de risco e emergência”. (PRR, n.d.-b)

A oferta de alojamento será estabelecida/incorporada por vários grupos sejam eles de instituições públicas (por exemplo: os municípios) ou então instituições privadas que tenham competências para conseguir, seja de forma individual ou em equipa, reabilitar habitações degradadas ou então proceder à construção de unidades residenciais. O investimento para esta bolsa são 176 milhões de euros que tem como propósito conseguir criar um total de 2.000 unidades habitacionais de emergência ou de transição, de natureza diversificada, 473 habitações, 3 conjuntos habitacionais e 5 centros temporários de instalação e áreas similares, especialmente designados para as forças de segurança; (PRR, n.d.-b)

Neste contexto, e a partir de dados disponíveis no Portal Mais Transparência relativo à execução do PRR, (AMA) percebemos que o Município do Fundão está a canalizar os seus esforços na concretização de soluções no âmbito desta Bolsa. No entanto, os prazos lançados para o seu concurso e execução revelam-se curtos e requerem recursos humanos especializados e direcionados aos problemas em questão. Foi neste sentido que a Câmara do Fundão, estabeleceu um protocolo de cooperação entre a Universidade da Beira Interior e a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Pela UBI, o departamento de Engenharia Civil e Arquitetura irá implementar iniciativas para a

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

construção de 22 fogos no âmbito da BNAUT, no centro histórico do Fundão. A equipa responsável por coordenar o projeto de Arquitetura e as várias iniciativas pela UBI, é da responsabilidade e coordenação da Professora Doutora Maria Neto, em colaboração com os professores Jorge Marum e Rogério Galante e quatro alunos finalistas: Catarina Gago, Joel Aguiar, Breno Lopes e Gabriel Carvalho, em articulação próxima com a arquiteta Ana Cunha, chefe de Divisão da DivDot do Fundão. Esta parceria tem como foco proporcionar alojamento a populações refugiadas, solicitantes de asilo e migrantes.

6.2 A Casa (Popular) do Fundão

A casa popular portuguesa é um património arquitetónico que retrata a identidade e a história de Portugal de todas as regiões. Desde sempre que as suas formas, materiais e técnicas construtivas são objeto de estudo e admiração por parte de vários arquitetos, historiadores e amantes da cultura portuguesa.

Fernando Távora (1923 – 2005)

“E eu lembro-me que na véspera da visita do Salazar à SNBA fez-se uma projecção de slides para o Arantes e Oliveira e passou em determinada altura um conjunto de casas – no Sul – todas iguais, com aquelas chaminés alentejanas fortes, uma solução bastante fechada. E o ministro disse “que bonito, isso parece arquitetura moderna”. E eu que estava atrás – lembro-me perfeitamente disto – disse-lhe “mas, ó sr. ministro, o Inquérito vem exatamente confirmar a existência de grandes similitudes entre a arquitetura popular e a arquitetura moderna”. E ele disse-me assim: “o sr. arquiteto pense isso, mas não diga isso amanhã ao Sr. Presidente do Conselho”.”¹²

Cruzando o Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal, realizado entre os anos 1950 e 1960, e a análise do livro de João Leal, *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*, de 2009, conseguiu-se perceber a perspetiva de Fernando Távora e de outros arquitetos visionários. Eles conseguiram trazer uma nova visão e uma nova compreensão da arquitetura popular, assim, esta não era vista como apenas uma herança histórica, mas também como uma fonte de inspiração para a arquitetura contemporânea.

Este olhar mais “moderno” sobre a arquitetura popular portuguesa, destacou três princípios fundamentais, a sua funcionalidade, a sua adaptação ao meio ambiente e o seu uso autêntico dos materiais, em conciliação com os princípios do movimento moderno. Essa reinterpretação da arquitetura popular não só desafiou as gerações na altura, mas também estimulou uma nova geração de arquitetos a explorar e incorporar elementos da arquitetura nacional nas suas criações. (Leal, 2009, pp. 39–50)

Entendemos que o Inquérito à Arquitetura Popular, em Portugal reforçou a necessidade de compreender e preservar as características únicas que existiam nas casas tradicionais, nas regiões de Portugal, reconhecendo a sua importância cultural e histórica para a identidade nacional.

¹² (Leal, 2009, p. 39)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

Mediante uma compilação de imagens da década de 50/60 na OAPIX ¹³, consegue-se perceber que muitas das casas típicas do Fundão, naquela época, continham três características muito marcantes, a construção em pedra, possuir três andares, e englobar pelo menos uma varanda no terceiro andar.

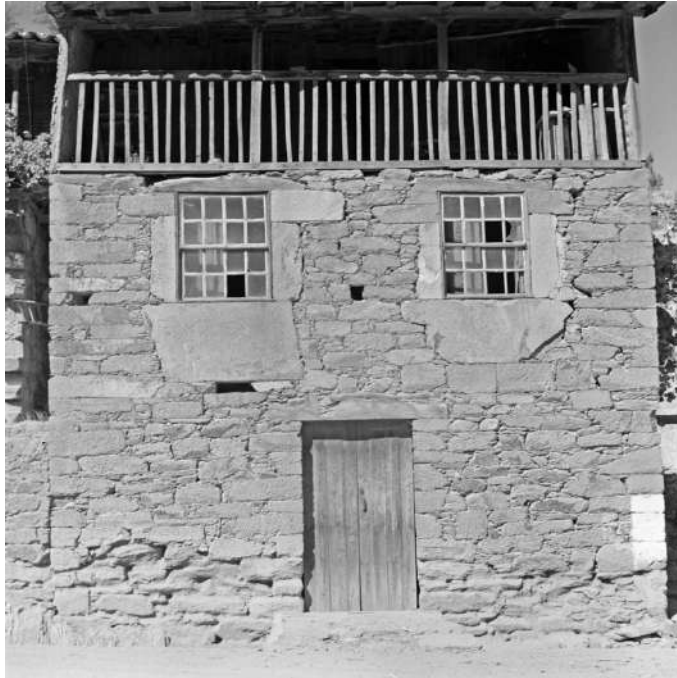


Figura 26 - Casa com varanda corrida no último piso, Silvaes, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND25-002.(Ordem dos Arqitetos, 1955b)



Figura 27 - Varanda coberta sobre corpo saliente, Barroca do Zêzere, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND08-002.(Ordem dos Arqitetos, 1955d)

¹³ O objetivo principal do OAPIX é disponibilizar online imagens das coleções dos arquivos da Ordem dos Arquitectos. Este projeto está sempre em expansão e atualização, com a intenção de construir um banco de imagens digitais que seja altamente relevante para divulgação cultural, pesquisa e propósitos educativos.

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**



Figura 28 – Casa, Pero Viseu, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND22-008 (Ordem dos Arquitetos, 1955a)



Figura 29 – Casa com varanda de canto, Barroca do Zêzere, Fundão, 1955. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND08-004 (Ordem dos Arquitetos, 1955c)



Figura 30 – Varanda e escadas, Alpedrinha, Fundão, 1956. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa © Ordem dos Arquitectos, PT-OA-IARP-CTB-FND06-009 (Ordem dos Arquitetos, 1956)

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

6.3 Estudo Prévio para a Reabilitação de 16 fogos no âmbito da BNAUT



Figura 31 - Estudo de caso (Autor: Jorge Marum, 2023)

6.3.1 Memória Descritiva

Estudo prévio de Reabilitação para Alojamento Urgente e Temporário

Com base na informação recolhida através da participação no Grupo de Trabalho da UBI, no âmbito do Protocolo de cooperação com a Câmara Municipal do Fundão, e da investigação que se desenvolveu para esta dissertação, foi possível ensaiar uma exploração espacial incorporando os cuidados retirados das práticas humanitárias estudadas com Shigeru Ban e da análise da problemática do acolhimento e integração. Este Estudo prévio, realizado em exercício académico, logo exploratório, apresenta-se juntamente com a tese do colega Gabriel Carvalho, que integra também a equipa de estudantes da UBI no âmbito deste Protocolo, um importante contraponto ao projeto que será efetivamente implementado e construído.

Partimos assim de um núcleo de 5 edifícios no centro histórico do Fundão, previamente sinalizado pelo Município para integrar a BNAUT. A proposta que se desenvolveu segue, portanto, a lógica do processo de candidatura à Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário, explorando o programa possível de acolher no núcleo em questão, mas incorporando por um lado, as orientações de boas práticas analisadas ao longo desta dissertação e por outro lado, incorporar informação assimilada de diversas ações desenvolvidas pelo grupo de trabalho da UBI.

O estudo prévio de reabilitação foi desenvolvido em conformidade com os requisitos mínimos estabelecidos pelo Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) e com os limites máximos estabelecidos pelo regulamento das Habitações de Custos Controlados (HCC) informado ainda pela informação ARU e RZA. (Figura 32) Os edifícios foram projetados para atender a três modalidades distintas de uso – Tipologia T1, T2, T3 –, onde apenas foram demarcadas as Instalações Sanitárias e Cozinhas deixando a restante área do fogo aberta a diversas apropriações e compartimentação, dependendo do agregado familiar – resultando na criação de três halls de entrada distintos. Esta abordagem visa proporcionar por um lado flexibilidade e adaptabilidade às diferentes necessidades dos residentes, permitindo uma melhor integração dos espaços habitacionais e por outro lado, uma maior capacidade de adaptação ao longo do tempo uma vez que estes fogos são de uso temporário e devem conseguir responder a diversos fluxos e tipologias de agregados que são sempre variáveis.

O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso

TIPOLOGIAS	T1	T2	T3
LIMITES MÍNIMOS DOS M ² NO RGEU	52	72	91
LIMITES MÁXIMOS DOS M ² NA HCC	73	95	117
ÁREAS DOS FOGOS INSERIDOS NO CASO DE ESTUDO	59M ² -68 M ²	75M ² -86 M ²	95M ²
NÚMERO DE FOGOS PEDIDOS	12	8	2
NÚMERO DE FOGOS INSERIDOS	9	6	1

Figura 32 – Quadro informativo (feito pela autora)

Uma atenção especial foi dada à circulação dentro do complexo e em relação às ruas circundantes. As entradas principais e de tardoiz foram planeadas para garantir uma circulação fluida, eliminando áreas de despejo ou espaços desocupados. Isso visa criar um ambiente limpo e seguro e simultaneamente articula com as dinâmicas das ruas e edifícios limítrofes.

Para conseguir trazer um pouco da casa popular do Fundão, estudada no ponto 6.2, algumas opções foram tomadas com esse intuito, uma delas foi a escolha da pedra à vista em alguns dos edifícios recuperando a imagem original e respeitando a história e património da região, integrando-se com a envolvente.

Outra escolha envolveu o posicionamento de varandas, estas foram estrategicamente dispostas nos alçados principais dos edifícios no 3º piso por ser uma característica da casa popular do Fundão. Contudo, esta opção esteve também ligada ao facto de este ser o piso mais danificado. Para além disso, as varandas foram uma necessidade para atender a uma demanda destacada durante entrevistas que a equipa teve com os refugiados. Esses espaços ao ar livre são valorizados em diversas culturas e contribuem

para promover o convívio e a conexão com o ambiente circundante, a comunidade local e mantendo ao mesmo tempo uma linguagem contemporânea.

Dentro do programa habitacional, foi criada uma zona de workshop como um espaço inclusivo, destinado a promover a participação de todas as culturas na comunidade local. Por meio de sessões e workshops conduzidos por especialistas, os residentes são incentivados a envolverem-se ativamente na comunidade, fortalecendo os laços de vizinhança e promovendo a coesão social. O espaço público foi ainda tratado de forma a criar um logradouro de qualidade para a interação de todos os muradores e como estratégia de requalificação da área tardoz do núcleo em intervenção.

A opção tomada de manter os edifícios existentes e adotar uma postura de reabilitação levantou diversos desafios. Um dos principais obstáculos foi a tentativa de conservar ao máximo possível os recursos e características existentes, o que se revelou inexecutável devido às exigências intrínsecas do projeto. Além disso, outra dificuldade foi tentar articular as estruturas existentes com as necessidades identificadas nas entrevistas com os refugiados, desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho da UBI. Durante estas entrevistas, um dos aspetos valorizados pelos refugiados foi a presença de varandas nas habitações. Integrar este elemento essencial com as limitações do projeto e as características dos edifícios existentes representou um desafio adicional na execução do programa. Assim, foi necessário encontrar um equilíbrio entre a preservação dos recursos, e a incorporação dos elementos valorizados pelos refugiados para garantir um alojamento digno e funcional. Desta forma, a ideia inicial de manutenção total, depois de muitas análises e estudos, foi abandonada, mas foi mantida, na sua maioria a leitura de diversos edifícios no alçado de rua, bem como a sua harmonia visual e continuidade à leitura do conjunto edificado. Dado a situação urbana dos prédios e pelo impacto que este teria, esta proposta não prevê estacionamento.






O projeto de reabilitação para alojamento de refugiados reflete o compromisso humanitário e solidário da comunidade em fornecer apoio aos mais vulneráveis. Além de oferecer abrigo e proteção, este projeto busca promover a inclusão, a dignidade e a esperança para aqueles que procuram um novo começo no Fundão e simultaneamente contribuir para a revitalização do centro histórico e facilitar o processo de integração dos novos residentes com os residentes locais.

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**




6.3.2 LEVANTAMENTO ESPACIAL



LEGENDA

-  N18
-  A23
-  Linha do comboio
-  Variante
-  Zona de intervenção
- 1** Centro da Cidade
- 2** Zona Comercial - grandes superfícies
- 3** Zona Industrial do Fundão

TEMPO Percursos

-  5min
Zona de intervenção - Centro da Cidade
-  12min
Zona de intervenção - Zona Comercial
-  22min
Zona de intervenção - Zona industrial

Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	
Fundão, Castelo Branco	
ALUNA:	NÚMERO:
Catarina Gago	42465
DESIGNAÇÃO:	
Análise: Imagem aérea da cidade do Fundão	

6.3.3 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Todas as fotografias que se seguem são da autoria de toda a equipa responsável.

O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso



ALÇADO
PRINCIPAL

Figura 33 e Figura 34 - Alçado Principal

ALÇADO TARDOZ



Figura 35 , Figura 36 e Figura 37- Alçado Tardoz

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

Figura 38, Figura 39 e Figura 40 – Interior Edifício A



INTERIOR EDIFÍCIO A

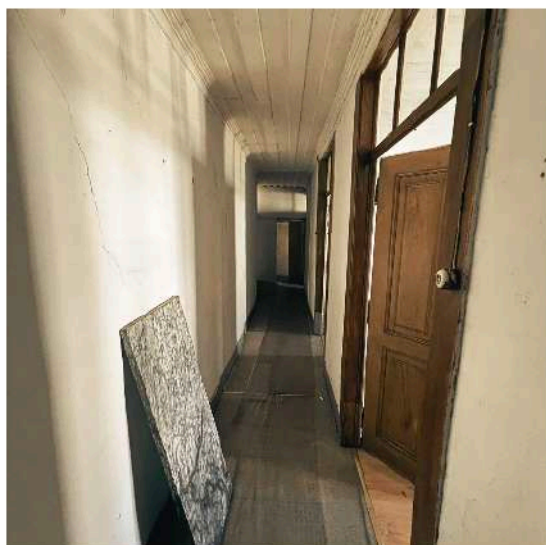
INTERIOR EDIFÍCIO B



Figura 41 e Figura 42 – Interior Edifício B

O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso

Figura 43, Figura 44, Figura 45, Figura 46 e Figura 47 – Interior Edifício C



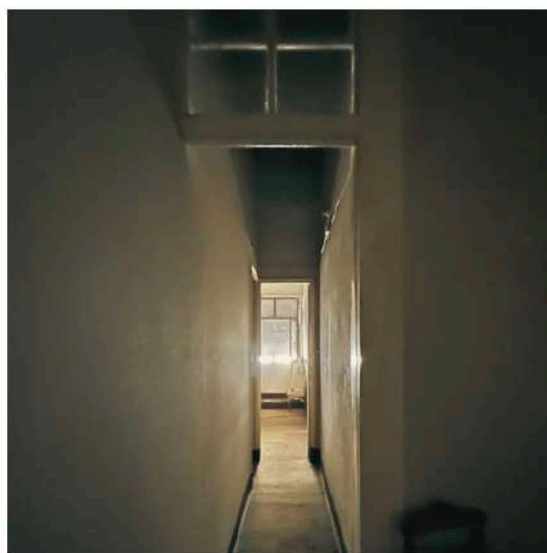
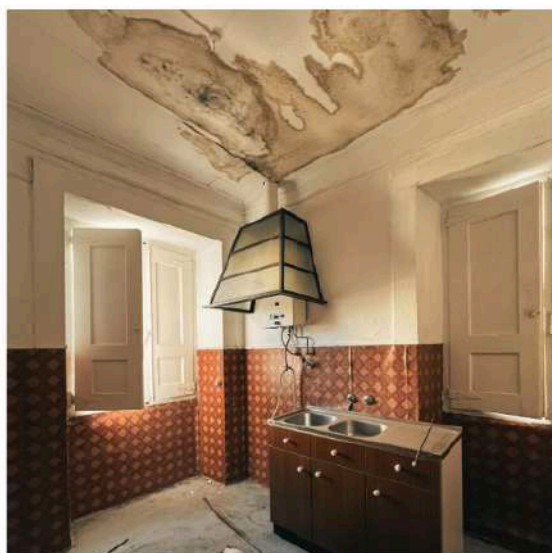
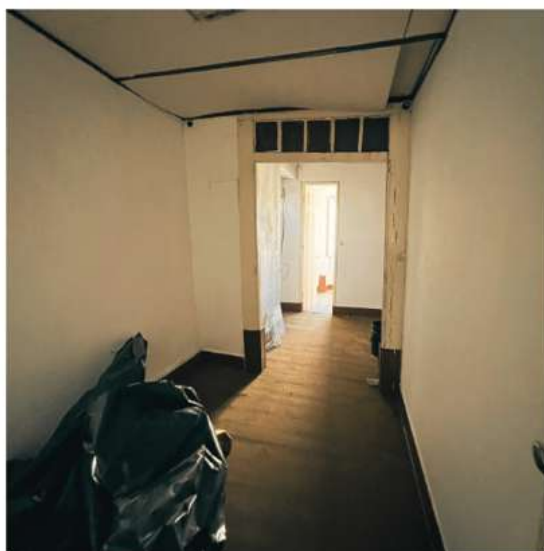
INTERIOR EDIFÍCIO C



O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso

Figura 48, Figura 49, Figura 50, Figura 51 e Figura 52 – Interior Edifício D

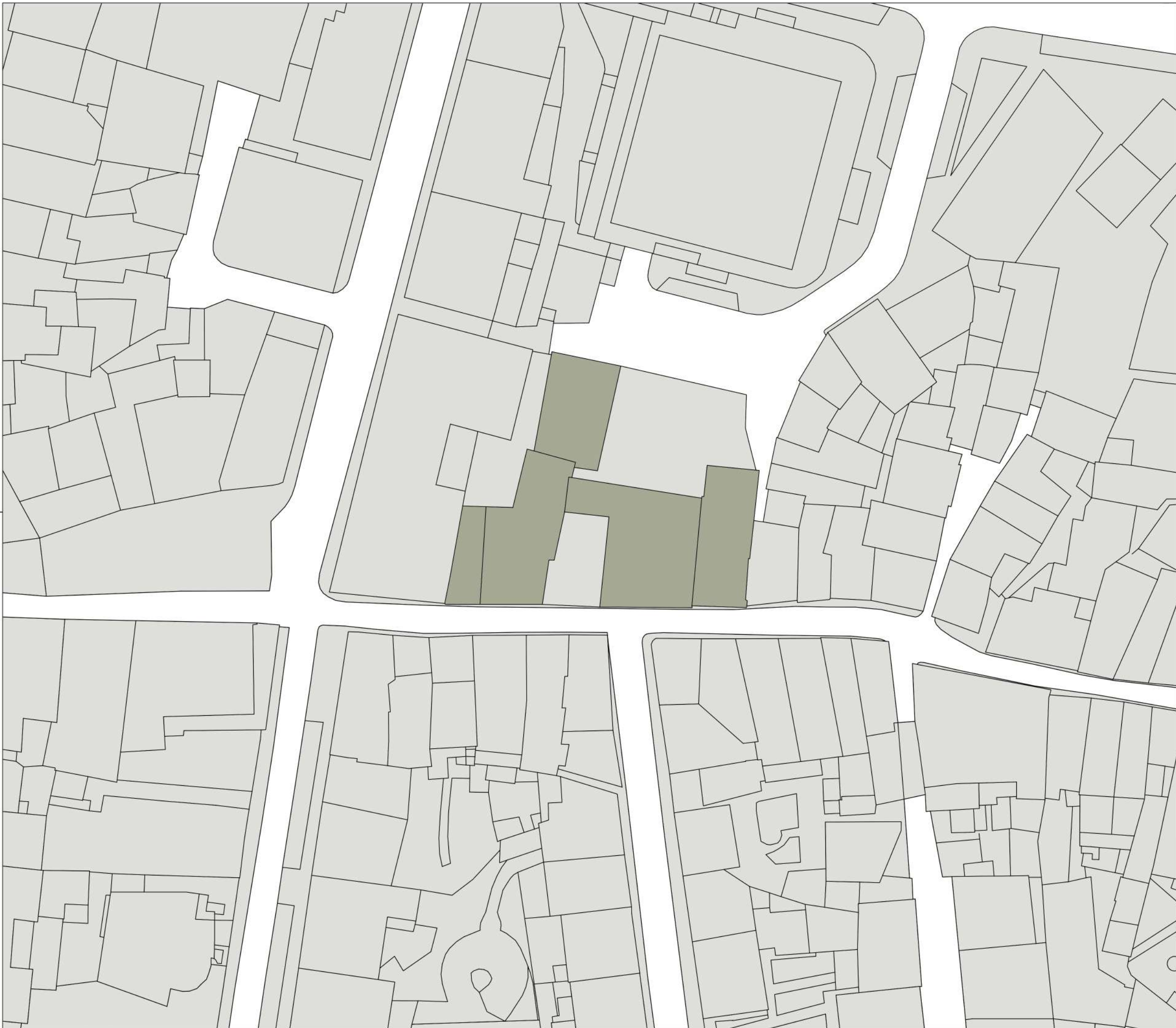
INTERIOR EDIFÍCIO D



**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso

6.3.4 LEVANTAMENTO GEOMÉTRICO



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Morfológica		
ESCALA:	1:500		



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Cheios e Vazios		
ESCALA:	1:500		

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

6.3.5 VERMELHOS E AMARELOS



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Vermelhos e Amarelos - Piso 0		
ESCALA:	1:200		



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Vermelhos e Amarelos - Piso 1		
ESCALA:	1:200		



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Vermelhos e Amarelos - Piso 2		
ESCALA:	1:200		

**O alojamento urgente e temporário:
Fundão, cidade de acolhimento, como estudo de caso**

6.3.6 PROPOSTA FINAL



LEGENDA

- T1 - 59m² a 68m²
- T2 - 75m² a 86m²
- Zona de WorkShops
- Zona de circulação



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco	
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO: 42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Piso 0	
ESCALA:	1:200	



LEGENDA

- T1 - 59m² a 68m²
- T2 - 75m² a 86m²
- Zona de circulação



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Piso 1		
ESCALA:	1:200		



LEGENDA

- T1 - 59m² a 68m²
- T2 - 75m² a 86m²
- T3 - 95m²
- Zona de circulação



Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco	
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO: 42465
DESIGNAÇÃO:	Planta Piso 2	
ESCALA:	1:200	

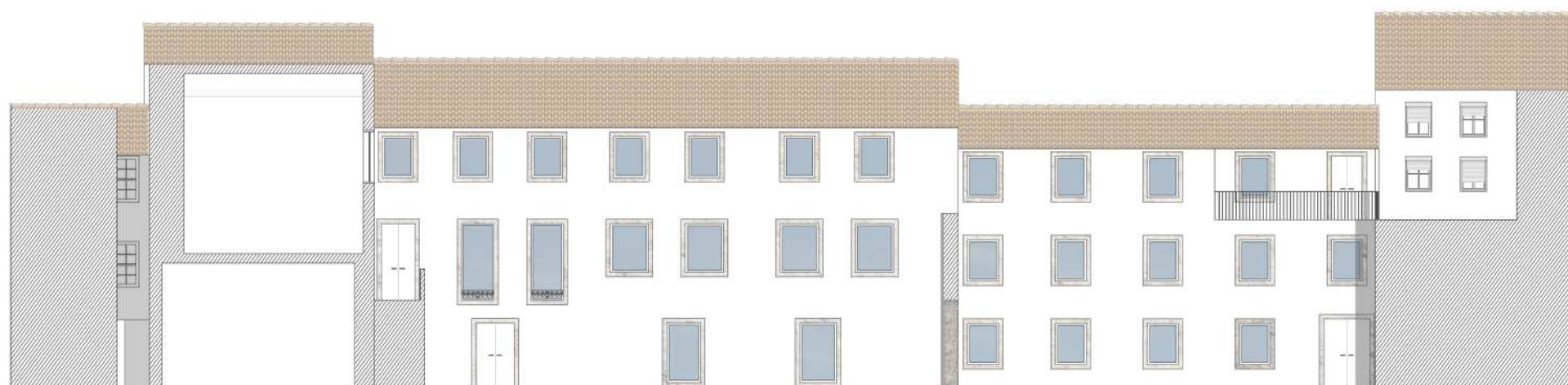


Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Planta de Cobertura		
ESCALA:	1:200		



Alçado AA´



Alçado BB´

Universidade da Beira Interior
Mestrado Integrado de Arquitetura
2023/2024

LOCALIZAÇÃO:	Fundão, Castelo Branco		
ALUNA:	Catarina Gago	NÚMERO:	42465
DESIGNAÇÃO:	Alçados		
ESCALA:	1:200		

7. Considerações Finais

Esta dissertação teve como objetivo principal abordar o desafio crítico da emergência pós-catástrofe ou pós-conflito, com foco na arquitetura de emergência como resposta humanitária. Os objetivos específicos foram delineados em duas fases distintas. A primeira fase envolveu uma análise conceptual e contextual, onde foi investigado o fenómeno do deslocamento e da fuga como consequências de catástrofes naturais ou provocadas pelo homem. Ainda nesta fase, a investigação concentrou-se num estudo abrangente sobre o acolhimento realizado em países desenvolvidos e em desenvolvimento, com especial foco na obra humanitária de Shigeru Ban, analisando como estas práticas se enquadram em contextos pós-catástrofe, o seu processo e a sua ligação constante à ideia de temporalidade e estrutura ligeira – tectónica – que é a base da construção do arquiteto.

A segunda fase centrou-se num estudo de caso prático no Fundão. O objetivo desta fase foi analisar o programa BNAUT, financiado pelo PRR via Habitação em Portugal, investigar as metodologias e resultados específicos deste programa, especialmente no contexto de territórios de baixa densidade, e propor um estudo prévio para 16 fogos no centro histórico desta cidade. Este estudo situou o caso prático no panorama internacional, destacando-o como uma solução eficaz para o problema em análise.

A investigação aprofundou-se na compreensão das definições e critérios que determinam a condição de refugiado, reconhecendo a importância desses conceitos para formar políticas de asilo e de acolhimento que atendam às necessidades específicas das populações deslocadas. Ao debater as abordagens adotadas por países desenvolvidos e em desenvolvimento no acolhimento de refugiados, foram destacadas as divergências e desafios enfrentados na assistência humanitária eficaz, sublinhando a necessidade urgente de uma nova reformulação do acolhimento de refugiados e a importância da cooperação internacional e solidariedade global.

A análise do programa BNAUT no Fundão evidenciou-o como uma iniciativa inovadora de fornecimento de alojamento urgente e temporário, sendo um modelo diferenciado e sustentável de resposta a crises de deslocamento. No entanto, a implementação do projeto enfrentou diversos desafios, como a manutenção dos edifícios existentes e a postura de reabilitação. Percebeu-se que o difícil desafio de equilibrar a preservação dos recursos e características existentes com o programa definido e a integração de

elementos valorizados pelos futuros habitantes, garantindo um alojamento digno, inclusivo e funcional.

Conclui-se que o desafio do deslocamento forçado é urgente e complexo, exigindo abordagens integradas e colaborativas para enfrentar esta crise em constante evolução. É crucial garantir a proteção e o bem-estar das populações deslocadas através de políticas e ações coordenadas globalmente. O Fundão destaca-se como um estudo de caso exemplar, contrastando positivamente com a estratégia europeia de acolhimento cada vez mais restritiva.

Finalmente, esta dissertação contribui para um debate alargado sobre a importância da arquitetura nos programas de acolhimento e integração, proporcionando conhecimentos valiosos para melhorar as condições de vida das populações deslocadas através de soluções arquitetónicas integradas e inovadoras.

Bibliografia Teórica

- ACM. (n.d.). Missão - ACM. Retrieved 6 March 2024, from <https://www.acm.gov.pt/pt/-/o-que-fazemos-#>
- ACNUR. (1997). *Manual para situaciones de Emergencia (2º)*. Retrieved from <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2012/1643.pdf>
- ACNUR. (2009). Mogadíscio: civis deslocados pelo conflito desde início de maio chegam a 200,000. Retrieved from <https://www.acnur.org/portugues/2009/07/07/mogadiscio-civis-deslocados-pelo-conflito-desde-inicio-de-maio-chegam-a-200000/>
- ACNUR. (2015). Um milhão de refugiados e migrantes fugiram para a Europa em 2015. Retrieved 19 February 2024, from <https://www.acnur.org/portugues/2015/12/22/um-milhao-de-refugiados-e-migrantes-fugiram-para-a-europa-em-2015/>
- ACNUR. (2018). *PROTEGENDO REFUGIADOS NO BRASIL E NO MUNDO*.
- ACNUR. (2020). Sudão do Sul. Retrieved 25 October 2023, from <https://www.acnur.org/portugues/sudao-do-sul/>
- ACNUR. (2022). A Cor da Fuga – UNHCR ACNUR Brasil. Retrieved from <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/07/a-cor-da-fuga/>
- ACNUR. (2023b). Rohingya. Retrieved 25 October 2023, from <https://www.acnur.org/portugues/rohingya/>
- ACNUR. (2023c). Dados sobre Refúgio. Retrieved 25 October 2023, from <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>
- ACNUR. (2023e). Dados sobre refugiados – UNHCR ACNUR Brasil. Retrieved 9 January 2024, from <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/>
- ACNUR. (n.d.). Fridtjof Nansen. Retrieved 3 November 2023, from <https://www.acnur.org/portugues/campanhas-e-advocacy/premio-nansen/fridtjof-nansen/>
- AMA-Agência para a Modernização Administrativa. (n.d.). Mais Transparência. Retrieved from <https://transparencia.gov.pt/>
- Arroyo, F. (2020). O filósofo que disse sim ao amor livre e não à guerra. Retrieved 20 November 2023, from <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-02-01/o-filosofo-que-disse-sim-ao-amor-livre-e-nao-a-guerra.html>
- Ballesteros, M., Hwang, I., Sakamoto, T., Rubo, M., Tetas, A., Ferré, A., & Prat, R. (2008). *Verb Crisis (6º)*. Barcelona: Actar.
- Ban, S. & Keio University SFC Ban Laboratory. (2010). *Voluntary Architects' Network*. Japão: Inax Publishing.
- Barros, G. S. P. L. de. (2021). Capítulo 9 - Benefícios na Utilização de Tubos de Papelão estrutural como sistema contrutivo. In *Engenharia de materiais e metalúrgica 2* (Atena, pp. 94–103).

Betts, A. (2009). *Protection by Persuasion: International Cooperation in the Refugee Regime*. Cornell University Press.

Biography: Shigeru Ban | The Pritzker Architecture Prize. (n.d.). Retrieved 27 October 2023, from <https://www.pritzkerprize.com/biography-shigeru-ban>

Caetano, M. J. (2023). 'É uma falácia que venham para aproveitar os sistemas de saúde, educação e segurança social'. O pacto da migração da UE reflete o poder crescente da extrema-direita. E é, ao mesmo tempo, uma tentativa de esvaziar a agenda dos populistas. Retrieved 20 February 2024, from <https://cnnportugal.iol.pt/migrantes/uniao-europeia/o-pacto-da-migracao-da-uniao-europeia-reflete-o-poder-crescente-da-extrema-direita-e-e-ao-mesmo-tempo-uma-tentativa-de-esvaziar-a-agenda-dos-partidos-populistas/20231220/65836726d34e371fc0bb2fc6>

Carbonaro, G. (2023). A Alemanha virou as costas ao acolhimento de migrantes? Retrieved 21 February 2024, from <https://pt.euronews.com/2023/11/06/willkommenskultur-a-alemanha-virou-as-costas-a-uma-atitude-de-acolhimento-dos-migrantes>

Carmo, O. (2023, February 4). Sudão do Sul: Francisco denuncia «maior crise de refugiados» da África. Retrieved 25 October 2023 from <https://agencia.ecclesia.pt/portal/sudao-do-sul-francisco-denuncia-maior-crise-de-refugiados-da-africa/>

Carvajal, G. (2020, October 8). Cuando Trajano y Adriano tuvieron que saltar por la ventana durante el terremoto de Antioquia en el año 115 d.C. Retrieved 23 October 2023 from <https://www.labrujulaverde.com/2020/10/cuando-trajano-y-adriano-tuvieron-que-saltar-por-la-ventana-durante-el-terremoto-de-antioquia-en-el-ano-115-d-c>

Convenção de Genebra de 1951. (1951). *Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951)*. Genebra.

Costa, B. F., & Teles, G. E. de S. (2019). O Papel das Cidades no Acolhimento de Refugiados - estudo comparativo entre Berlim e Paris. *Diacrítica*, 31(3), 153–181. Retrieved from <https://doi.org/10.21814/diacritica.392>

Costa, R. (2010). *O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria*. as. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/44204483_O_pensamento_de_Santo_Tomas_de_Aquino_1225-1274_sobre_a_vida_militar_a_guerra_justa_e_as_ordens_militares_de_cavalaria

CPR. (2021). 30 Anos – CPR. Retrieved 11 March 2024, from <https://cpr.pt/30-anos/>

Davey, E., Borton, J., & Foley, M. (2013). *A history of the humanitarian system Western origins and foundation*. 203 Blackfriars Road London SE1 8NJ United Kingdom. Retrieved 3 November 2023 from <http://cdn-odi-production.s3-website-eu-west->

1.amazonaws.com/media/documents/8439.pdf

Fradkin, P. L. (2006). *The Great Earthquake and Firestorms of 1906: How San Francisco Nearly Destroyed Itself, With a New Preface.*

Fundación Princesa de Asturias. (2022). Shigeru Ban - Premiados - Premios Princesa de Asturias. Retrieved 12 December 2023, from <https://www.fpa.es/es/premios-princesa-de-asturias/premiados/2022-shigeru-ban.html?texto=acta&especifica=0>

Glanville Downey. (1961). *A History of Antioch in Syria from Seleucus to the Arab Conquest* (Princeton University Press.). Retrieved from <http://archive.org/details/Downey1961Antioch>

Governo da República Portuguesa. (2023). Migrações e Asilo: Perguntas e Respostas. from <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=migracoes-e-asilo-perguntas-e-respostas>

Guerreiro, C. de J. D. (2022). *O papel da arquitectura em crises humanitárias : o confronto de um paradigma com a realidade* (masterThesis). Retrieved 24 October 2023 from <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/6980>

Henderson. (2009, May 20). Hoje na História: terremoto em Antioquia. Retrieved 23 October 2023 from <https://depokafe.wordpress.com/2009/05/20/hoje-na-historia-terremoto-em-antioquia/>

Herz, M. (2013). *From Camp to City Refugee Camps of the Western Sahara.* ETH Studio Basel.

Humbert, L. (2020). Refugees in Europe | EHNE. Retrieved 25 January 2024, from <https://ehne.fr/en/node/12457>

Ian Davis. (1978). *Davis-1978-Shelter After Disaster.* Retrieved from <http://shelterprojects.org/other/siteplanning/site-planning-references/Davis-1978-shelter%20after%20disaster.pdf>

Integração de Migrantes no Fundão | CESOP Local. (2021). Retrieved 15 March 2024 from <https://cesop-local.ucp.pt/integracao-de-migrantes-no-fundao>

Leal, J. (2009). *2009, Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português (Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008), Porto, Fundação Marques da Silva.* Retrieved 22 April 2024 from https://www.academia.edu/44468278/2009_Arquitectos_Engenheiros_Antrop%C3%B3logos_Estudos_sobre_Arquitectura_Popular_no_S%C3%A9culo_XX_Portugu%C3%AAs_Confer%C3%A2ncia_Arquitecto_Marques_da_Silva_2008_Porto_Funda%C3%A7%C3%A3o_Marques_da_Silva

Loescher, G. (2001). *The UNHCR and World Politics: A Perilous Path* (1st ed.). Oxford University PressOxford. Retrieved from <https://doi.org/10.1093/0199246912.001.0001>

Mancebo, I. G. (2024). História de São Francisco - Passado, presente e futuro. Retrieved

29 June 2024, from <https://www.saofrancisco.net/historia>

Maria Neto & Jorge Canastra Marum. (2022, November 20). Brecha de ciudad(a)nía. *Revista Rita*, 202–219.

Mendonça, J. J. M. de. (1758). *História universal dos terremotos, que tem havido no mundo, de que ha noticia, desde a sua criação até o seculo presente: Com huma narraçam individual do terremoto do primeiro de novembro de 1755., e noticia verdadeira dos seus efeitos em Lisboa, todo Portugal, Algarves, e mais partes da Europa, Africa, e América, aonde se estendeu: e huma dissertação phisica sobre as causas geraes dos terremotos, seus efeitos, diferenças, e prognosticos; e as particulares do ultimo*. Lisboa : na offic. de Antonio Vicente da Silva. Retrieved from <http://archive.org/details/historiauniversa00mend>

Monteiro, E. (2022, March 23). Europa muda de atitude com a crise dos refugiados da Ucrânia. ‘Positivo’, mas ‘flagrantemente diferente’ - JPN. Retrieved 20 February 2024 from <https://www.jpn.up.pt/2022/03/23/europa-muda-de-atitude-com-a-crise-dos-refugiados-da-ucrania-positivo-mas-flagrantemente-diferente/>

Neto, M. de F. C. (2022). *Territórios indefinidos no dilema da acção humanitária: posicionamento crítico do arquitecto no entendimento dos campos de refugiados em situações prolongadas dadaab, quénia 1991-2021*. Universidad de Alcalá.

Neto, M., Neto, P. L., & Prado, R. G. (2022). Landscapes of Care. Between spaces of protection and political rights, 125–136.

N.I. (2017). No sul da Itália, refugiados trazem nova vida a cidades em dificuldades. Retrieved 20 February 2024, from <https://apolitical.co/solution-articles/pt/sul-italia-refugiados-trazem-novas-vidas-lutando-cidades>

NOAA. (2023). Assessing the Global Climate in 2023. Retrieved from <https://www.ncei.noaa.gov/news/global-climate-202312>

Nolasco, C., & Lechner, E. (2017). Introdução: o drama dos/as refugiados/as na Europa – estágio “Ciência Viva”. In *O Drama dos/as Refugiados/as na Europa* (pp. 2–7). ces.

ONU. (2019). Síria: um conflito trágico sem fim à vista. Retrieved 24 October 2023, from <https://unric.org/pt/siria-um-conflito-tragico-sem-fim-a-vista/>

Pereira, I. P. (2023). Israel pede demissão de Guterres, que diz que ataques do Hamas “não surgiram do nada”. Retrieved 25 October 2023, from <https://www.publico.pt/2023/10/24/mundo/noticia/israel-pede-demissao-guterres-ataques-hamas-nao-surgiram-nada-2067914>

Pereira, R. A. (2023). Semanário | Qual é o seu assassino preferido? Retrieved 20 April 2024, from <http://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2660/html/revista-e/estranho-oficio/qual-e-o-seu-assassino-preferido->

PRR. (n.d.-a). PRR Plano de Recuperação e Resiliência - Portal da Habitação. Retrieved

- 13 March 2024, from <https://www.portaldahabitacao.pt/web/guest/prr>
- PRR. (n.d.-b). PRR-BNAUT - Portal da Habitação. Retrieved 14 March 2024, from <https://www.portaldahabitacao.pt/web/guest/prr-bnaut>
- Roche, L. (2021). Vinte anos de guerra contra o terrorismo no Afeganistão. Retrieved 25 October 2023, from <https://pt.euronews.com/2021/12/20/vinte-anos-de-guerra-contra-o-terrorismo-no-afeganistao>
- Rodrigues, A. S. (2017). *Integração de pessoas refugiadas em Portugal no âmbito do Programa de Recolocação Europeu* (masterThesis). Instituto Superior de Economia e Gestão. Retrieved 6 March 2024 from <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/14316>
- Salado, G. de C., & Sichieri, E. P. (2006, October). A Arquitetura em Tubos de Papelão de Shigeru Ban, 1(2), 16.
- SEF. (n.d.). Folheto Institucional do SEF. Retrieved from https://www.sef.pt/pt/Documents/Folheto_institucional_PT.pdf
- Siddiqi, A. I. (2023). *Architecture of Migration: The Dadaab Refugee Camps and Humanitarian Settlement*. Duke University Press. Retrieved 3 November 2023 from <https://doi.org/10.1215/9781478027379>
- Siviero, A. (2015). *A temporalidade na obra de Shigeru Ban*. Retrieved 3 December 2022 from https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=129943
- Teixeira, L. (2016). 13 maiores desastres naturais da história. Retrieved 23 October 2023, from https://forbes.com.br/outros_destaquas/2016/08/13-maiores-desastres-naturais-da-historia/
- Teles, G. E. de S. (2018). *Portugal e a crise de Refugiados: entre o Discurso e a Prática Uma análise do plano de integração português de 2015 a 2017* (masterThesis). Retrieved 6 March 2024 from <http://hdl.handle.net/10400.6/10027>
- UNHCR. (2023b). Country - Bangladesh. Retrieved 25 October 2023, from https://data.unhcr.org/en/country/bgd?_gl=1*1fwdhs2*_rup_ga*OTI5NjQ0NjY3LjE2OTgwNTY0OTY.*_rup_ga_EVDQTJ4LjE2OTgwNTY0OTY.*_ga_1NY8H8HC5P*MTY5ODIyOTgxOC41LjEuMTY5ODIzMTU5Ni4wLjAuMA..*_ga*OTI5NjQ0NjY3LjE2OTgwNTY0OTY.*_ga_1NY8H8HC5P*MTY5ODIyOTgxOC41LjEuMTY5ODIzMTU5Ni4wLjAuMA.#_ga=2.40401898.995025771.1698163053-929644667.1698056496
- UNHCR. (n.d.). Europe. Retrieved 15 January 2024, from <https://reporting.unhcr.org/operational/regions/europe>
- Vaikla, A., & Vöhringer, B. (2022). Reception of women and children refugees in Europe's cities and regions.
- Welle, D. (2023, September 23). Alemanha esgotou capacidade para refugiados, diz presidente. from <https://www.cartacapital.com.br/mundo/alemanha-esgotou-capacidade-para-refugiados-diz-presidente/>

Bibliografia de Figuras

Figura 1 – Arborfield. (n.d.). Charles Darwin's Beagle Diary: February 2010. Retrieved 21 February 2024, from <http://darwinbeagle.blogspot.com/2010/02/>

Figura 2 - Ian Davis. (1978). *Davis-1978-Shelter After Disaster*. Retrieved from

Figura 3 - Leiria, I. (2022). Terramoto de 1755: um novo sismo há de acontecer. Ninguém sabe quando. Retrieved 21 February 2024, from <https://expresso.pt/sociedade/2022-11-01-Terramoto-de-1755-um-novo-sismo-ha-de-acontecer.-Ninguem-sabe-quando-256c09dc>

Figura 4 - Millet, J. F. (n.d.). Jean-François Millet - O Golpe de Vento. Retrieved 22 February 2024, from <https://pt.WahooArt.comhttp://PT.WahooArt.com/@@/7YREAC-Jean-François-Millet-O-Gust-of-Wind>

Figura 5 - Zeren, S. (2023). Galeria de As coisas precisam pegar fogo para que novas cresçam? - 1. Retrieved 21 February 2024, from <https://www.archdaily.com.br/br/998986/as-coisas-precisam-pegar-fogo-para-que-novas-crescam/642c85a5498d40017cc28622-as-coisas-precisam-pegar-fogo-para-que-novas-crescam-imagem>

Figura 6 - Musa, J. (1983). MASP. Retrieved 23 February 2024, from <https://masp.org.br>

Figura 7 - Semanal, E. P. (2019). Galeria de fotos: A vida cotidiana nas frentes de batalha. Retrieved 23 February 2024, from https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/21/album/1545389536_555798.html

Figura 8 - Semanal, E. P. (2019). Galeria de fotos: A vida cotidiana nas frentes de batalha. Retrieved 23 February 2024, from https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/21/album/1545389536_555798.html

Figura 9 – UNHCR. (2023a). Joint Government of Bangladesh - UNHCR Population map as of September 2023. Retrieved 25 October 2023, from <https://data.unhcr.org/en/documents/details/103837>

Figura 10 - ACNUR. (2023a). Portal de Dados Operacionais (ODP). Retrieved 20 November 2023, from <https://data.unhcr.org/en/country/ukr>

Figura 11 - Camila. (2023). GSC OpT Áreas afetadas por danos na Faixa de Gaza 31 de

outubro de 2023 | Aglomerado de Abrigos. Retrieved 2 November 2023, from <https://sheltercluster.org/palestine/documents/gsc-opt-gaza-strip-damage-affected-areas-31-october-2023>

Figura 12 - ACNUR. (2023d). Dados sobre refugiados – UNHCR ACNUR Brasil. Retrieved 9 January 2024, from <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/>

Figura 14 - Imagem retirada da aplicação Refugee Data

Figura 15 - ACNUR. (1997). *Manual para situaciones de Emergencia (2º)*. Retrieved from <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2012/1643.pdf>

Figura 16 - Shigeru Ban | Asia Society. (n.d.). Retrieved 26 February 2024, from <https://asiasociety.org/asia-game-changers/shigeru-ban>

Figura 17 - Shigeru Ban. (2009). *Shigeru Ban: Paper Architecture*. Rizzoli International.

Figura 18 - Luna. (n.d.). Browse All: Architecture by Ban, Shigeru of Odawara, Kanto, Japan and Odawara, Kanto, Japan. Retrieved 12 December 2023, from <https://images.lib.ncsu.edu/luna/servlet/view/all/who/Ban%252C%2BShigeru/what/Architecture/where/Odawara%252C%2BKanto%252C%2BJapan/Odawara%252C%2BKanto%252C%2BJapan?sort=worktitle%2Cagentsortname%2Cimageid%2Ctitletext&os=0&pgs=50>

Figura 19 - Ban, S. & Keio University SFC Ban Laboratory. (2010). *Voluntary Architects´Network*. Japão: Inax Publishing.

Figura 20 - Ban, S. & Keio University SFC Ban Laboratory. (2010). *Voluntary Architects´Network*. Japão: Inax Publishing.

Figura 21 - Ban, S. & Keio University SFC Ban Laboratory. (2010). *Voluntary Architects´Network*. Japão: Inax Publishing.

Figura 22 - Ban, S. & Keio University SFC Ban Laboratory. (2010). *Voluntary Architects´Network*. Japão: Inax Publishing.

Figura 23 - Ban, S. & Keio University SFC Ban Laboratory. (2010). *Voluntary Architects´Network*. Japão: Inax Publishing.

Figura 24 – Feito pela autora tendo como referência Rodrigues, A. S. (2017). *Integração de pessoas refugiadas em Portugal no âmbito do Programa de Recolocação Europeu*

(masterThesis). Instituto Superior de Economia e Gestão. Retrieved 6 March 2024 from <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/14316>

Figura 25 – Feito pela autora

Figura 26 – Ordem dos Arquitetos. (1955b). Casa com varanda corrida no último piso. Retrieved 22 April 2024, from <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1809,01,3/index.htm>

Figura 27 - Ordem dos Arquitetos. (1955d). Varanda coberta sobre corpo saliente. Retrieved 22 April 2024, from <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1693,01,3/index.htm>

Figura 28 - Ordem dos Arquitetos. (1955a). Casa. Retrieved 22 April 2024, from <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1804,01,3/index.htm>

Figura 29 - Ordem dos Arquitetos. (1955c). Casa com varanda de canto. Retrieved 22 April 2024, from <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1695,01,3/index.htm>

Figura 30 - Ordem dos Arquitetos. (1956). Varanda e escada. Retrieved 22 April 2024, from <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1616,01,3/index.htm>

Figura 31 – Autor: Jorge Marum, 2023

Figura 32 – Feito pela autora, 2024

Figura 33 – Autores: equipa responsável, 2023

Figura 34 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 35 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 36 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 37 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 38 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 39 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 40 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 41 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 42 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 43 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 44 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 45 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 46 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 47 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 48 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 49 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 50 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 51 - Autores: equipa responsável, 2023

Figura 52 - Autores: equipa responsável, 2023